



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

PAOLA DE FREITAS OLIVEIRA

**UMA ESPOSA EXEMPLAR: DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE ALGUNS SENTIDOS  
DE SER MULHER NO MUNDO NEOLIBERAL**

BRASÍLIA  
2020

PAOLA DE FREITAS OLIVEIRA

**Uma esposa exemplar: discussões teóricas sobre alguns sentidos de ser mulher  
no mundo neoliberal**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção de grau de bacharel em  
Comunicação Organizacional

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fabíola Orlando  
Calazans Machado

Nome: Paola de Freitas Oliveira

Título: Uma esposa exemplar: discussões teóricas sobre alguns sentidos de ser mulher no mundo neoliberal

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – FAC/UnB, como requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação Organizacional.

Banca Examinadora

---

Profª. Drª Fabíola Orlando Calazans Machado  
Orientadora

---

Prof. Dr. Felipe da Silva Polydoro  
Examinador

---

Profª. Ma. Gigliola Mendes  
Examinadora

---

Profª. Ma. Alice de Barros Gabriel  
Suplente

Brasília, dezembro de 2020.

Mamãe e papai, muito obrigada.

## **Agradecimentos**

Agradeço minha mãe e meu pai, pela dedicação à família e pelo empenho em prover à mim e à minha irmã condições para estudo.

Agradeço às mulheres magníficas que conheci e que me inspiraram a buscar o crescimento profissional e pessoal. Adriana Reis por conciliar maternidade e profissão e partilhar sua vivência enquanto me explicava sobre SISCOMEX. Karen e Fernando, pela amizade que tornava a rotina acadêmica mais alegre. Adriana Oliveira, por me conduzir na vivência em Brasília e me presentear com sua preciosa amizade. Carol Varella, amiga dedicada, uma mãe incrível e profissional formidável. Camille, pela poesia na vida. Fabíola, por ser, além de orientadora, uma fonte de inspiração e conforto para as adversidades.

Agradeço à Universidade de Brasília por acolher quem nela busca não só o conhecimento, mas a construção do saber. Que permaneça pública, que seja acessível a todos, que resista ao projeto de crise da educação já apontado por Darcy Ribeiro e presente nas dinâmicas que demandam a ignorância da sociedade para concentração do conhecimento como fonte de poder e tirania.

*Não precisa ser Amélia pra ser de  
verdade / Você tem a liberdade pra ser  
quem você quiser / Seja preta, indígena,  
trans, nordestina / Não se nasce  
feminina, torna-se mulher.*

Bia Ferreira

## **Resumo**

Este trabalho apresenta revisão bibliográfica sobre algumas teorias feministas, bem como busca a compreensão sobre a negação da importância do movimento por parte de pessoas que entendem não haver conquista pela emancipação feminina, e sim a corrupção do que seria a sociedade por eles idealizada. Por meio de análise de discursos coletados para verificar as premissas do feminismo e respostas ao condicionamento feminino, tem-se como objetivo refletir como os atores lidam com a dinâmica de gênero, sobretudo com a construção da figura “esposa”. Utilizou-se conteúdo de promoção de vida tradicional encontrado em redes sociais, bibliografia voltada à análise sobre maternidade e relacionamento nos campos da Psicologia, Antropologia e Sociologia, bem como obras pautadas em estudo de gênero.

**Palavras-chave:** Feminilidade; Feminismo; Gênero; Esposa; Neoliberalismo.

## **Abstract**

*This paper presents a bibliographic review on the thematic of Feminism while seeking to understand the denial of the importance of the movement by people who believe that there is no achievement on female emancipation, only the decay of what should be the ideal society. Through the analysis of the speech collected to verify the premises of feminism and responses to female conditioning, the purpose is to think about how the actors deal with gender dynamics, especially with the construction of "wife" as a role. It was used content found on social networks regarding a traditional lifestyle, bibliography focused on the analysis of motherhood and relationships in the fields of Psychology, Anthropology and Sociology, as well as works based on gender studies.*

**Keywords:** *Feminism, Femininity; Gender; Wife; Neoliberalism.*



## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>1. Um discurso para uma ordem.....</b>	<b>14</b>
1.1 Uma cartografia para o gendramento .....	19
1.2 Um plano neoliberal: as prerrogativas para uma performance surreal....	26
1.3 O feminismo decolonial e o feminino tradicional – ressignificações dos femininos.....	33
<b>2. Ser uma boa menina .....</b>	<b>36</b>
2.1 Liberdade cantou: de “O meu príncipe vai chegar” a “Livre estou” .....	37
2.2 Escola de princesas e o condicionamento infantil.....	44
2.3 Culto das Princesas .....	46
<b>3. Bela, Recatada e do Lar .....</b>	<b>52</b>
3.1 Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas .....	53
3.2 O fenômeno das esposas “tradicionais” .....	58
3.3 O feminismo como subversão.....	62
<b>Considerações finais: Levanta a cabeça, princesa.....</b>	<b>67</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>70</b>

## Introdução

Uma mulher virtuosa, quem pode encontrá-la? Superior ao das pérolas é o seu valor. Confia nela o coração de seu marido, e jamais lhe faltará coisa alguma. Ela lhe proporciona o bem, nunca o mal, em todos os dias da sua vida.

(Bíblia, A.T. Provérbios, 31:10)

Jane Austen inicia seu romance “Orgulho e Preconceito” com uma afirmação poderosa: “é uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro em posse de boa fortuna deve estar necessitado de uma esposa” (AUSTEN, 2010, p. 19).

A necessidade conjugal também é pautada no romance “Senhora”, de José de Alencar, publicado em 1874. A protagonista Aurélia Camargo recebe herança e pede a seu tutor que faça arranjo matrimonial dela com um rapaz chamado Fernando Seixas, que em um passado havia se comprometido com ela, mas a abandonou dada a condição de moça órfã e pobre que Aurélia possuía na ocasião. Ao finalizar os trâmites para a união, Aurélia revela seus sentimentos a respeito:

– Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o nosso papel com perícia consumada. Podemos ter este orgulho, que os melhores atores não nos excederiam. Mas é tempo de pôr termo a esta cruel mistificação, com que nos estamos escarnecendo mutuamente, senhor. Entremos na realidade, por mais triste que seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido.

(...)

– Vendido sim: não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de **um marido, traste indispensável às mulheres honestas**. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento

(ALENCAR, 1997, p. 75, grifo nosso).

A leitura cultural de esposa é tida majoritariamente como uma benesse ao homem, sendo que este é a validação social feminina. De fato, o senso comum que se tem do casamento é uma divisão pautada em gênero: homem provedor, mulher cuidadora. Há sociedades nas quais ter uma filha significa o término da linhagem familiar, uma vez que é o filho que irá levar o nome – e as posses – adiante. De “frutos de uma fraquejada” a principais responsáveis pelo “Pecado Original”, ser mulher é estar sob os

holofotes da sociedade que aguarda um determinado desempenho – e não importa quão boa seja sua atuação, não lhe reserva aplausos.

A demanda pela atuação feminina implica ditames diversos sobre o que vestir, o que falar, como agir, como tomar decisões, como praticar a negação de si mesma em prol de terceiros, como conduzir a própria vida e como esperam que seja conduzida a vida da prole. À mulher não é permitido adoecer, envelhecer ou se abster de desempenhar as ações definidas como inerentes à feminilidade, sob pena de perder sua credibilidade como mulher.

Com o movimento feminista houve o questionamento sobre a ausência de reconhecimento do papel da mulher na sociedade como cidadã – o direito ao voto, o direito à propriedade, o direito a ser reconhecida como um ser humano assim como o homem o é. Contudo, o movimento de emancipação feminina – o qual conta com frentes diversas e mudanças ao longo das décadas – é duramente criticado por romper com padrões que asseguram ao patriarcado o poder. Ao cultivar um imaginário no qual a mulher só possui a existência validada com a conquista de um companheiro, há incitação à submissão feminina e à performance de feminilidade não por escolha consciente, mas para ser escolhida na “prateleira do amor”, termo cunhado pela pesquisadora Valeska Zanello (2018), doutora em Psicologia. A prateleira do amor apresenta a mulher como produto e o homem como consumidor, sendo a rivalidade feminina incitada dada a competição para ser “escolhida” e validada pela sociedade.

A supressão de mulheres por ausência de relação amorosa heterossexual e pela ausência de atributos reconhecidos como feminilidade muitas vezes fomenta a misoginia vivenciada pelas mulheres. Pode-se citar como exemplo o *impeachment* sofrido por Dilma Rousseff, processo no qual é possível verificar a disparidade de tratamento concedido a um indivíduo de acordo com seu gênero e sexualidade<sup>1</sup>.

A questão de gênero foi assimilada pelas distensões políticas, por ser uma pauta reconhecida pela esquerda e por proporcionar margem para o desenvolvimento do

---

<sup>1</sup> Para aprofundamento, sugerimos leitura de “Mídia, Misoginia e Golpe”, coletânea de entrevistas nas quais há análise de como gênero, misoginia e cultura patriarcal proporcionaram a queda de Dilma. Disponível em: <[https://faclivros.files.wordpress.com/2017/03/faclivros\\_midiamisoginiagolpe.pdf](https://faclivros.files.wordpress.com/2017/03/faclivros_midiamisoginiagolpe.pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2020.

neopopulismo, ao incitar distensões sobre aspectos morais que delimitam no outro não a visão de um cidadão, mas de um inimigo a ser combatido. Com isso, há um apelo no qual práticas neoliberais são apoiadas por grande parte da população dada a descrença do cidadão nas instituições políticas. Há endossamento da veneração a um personagem que irá resguardar o poder que parte da população acredita que irá perder se o “inimigo” for eleito, enquanto se caracterizam pautas como equivocadas à luz de uma moralidade, ou como perversas para o “cidadão de bem”. Não raro, feministas são interpretadas como assassinas de crianças, mulheres “do sovaco peludo” que não teriam encontrado o homem que as “corrigisse”.

Ao mesmo tempo temos retrocessos na saúde pública da mulher dada a ausência de compromisso com informação científica para prestigiar os preceitos de uma política “terrivelmente cristã”, que veta à mulher a autonomia em relação ao seu corpo e aos direitos sexuais e reprodutivos. Enquanto isso, vivenciamos uma onda de neoconservadorismo que impele a retomada de valores ditos “cristãos”, dado o crescimento da participação política de indivíduos que se identificam como pertencentes à “bancada evangélica” - algo contrastante com um Estado que se diz laico.

A fim de apresentar reflexões sobre a feminilidade, recorreremos a uma materialidade que nos serviu para mapear algumas imagens exemplares acerca da temática estudada. Foram utilizadas postagens de agentes de influência, ao que foram selecionados conteúdos elaborados por Ana Caroline Campagnolo, deputada do PSL, Jaqueline Bastos, *coach* de feminilidade cristã, bem como o material disponível no site *The Darling Academy*, instituição que se explica como uma escola *online* para mulheres que “buscam mais graça e elegância em suas vidas” e que com o passar do tempo aprimorou seu conteúdo com informações sobre etiqueta e estilo de vida mais “tradicional”. Para proporcionar uma reflexão teórica, haverá o uso tanto de clássicos como “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir (2009), como de obras de outros pensadores, ao que se pode citar como exemplo “O Ponto Zero da Revolução”, da filósofa Silvia Federici (2019).

Por meio de revisão bibliográfica e reflexão teórica o conteúdo coletado é analisado mediante o conceito de discurso promovido por Foucault (1970), para compreender o poder e o saber engendrados sobre a feminilidade e investigar como o

conceito se articula e ganha influência na contemporaneidade. As análises foram desempenhadas por meio do conteúdo midiático colhido, de modo a indicar como este dialoga com as teorias apresentadas para reflexão.

Devido à retomada do conceito de “feminilidade”, que desvela uma certa cooptação interesseira das questões de gênero por grupos neoconservadores, apresenta-se o seguinte problema de pesquisa: de que forma o discurso contemporâneo sobre a feminilidade está associado ao sentido de retorno da mulher ao ambiente doméstico em um cenário cingido pelo capitalismo neoliberal atual?

O primeiro capítulo trata da construção teórica que permite a avaliação do discurso, mediante abordagem de conceitos como cartografia aplicada ao discurso, neoliberalismo e feminismo decolonial. Para embasamento no diálogo, é utilizado Foucault, que introduz o conceito de espacialização da história. Também contribuem para a assimilação de ferramentas Camille Paglia, com um olhar autocrítico do feminismo; Max Weber, com a conceituação dos tipos de dominação; Valeska Zanello, que proporciona a conceituação de dispositivos que afetam a saúde mental pautados em gênero. Betty Friedan é fonte de partilha sobre a mística feminina voltada ao ofício de servir, enquanto o canto da sereia da vida corporativa é contribuição dos estudos de Gregoire Chamayou e Pierre Dardot. Silvia Frederici é ponto de partida para assimilar a mulher como um indivíduo a quem o capitalismo deseja por serviçal, ao passo que bell hooks e Liliana Suarez promovem o questionamento sobre a real adequação do feminismo acadêmico para a mulher que não seja por ele tida como padrão.

O segundo capítulo versa sobre a socialização da mulher no arquétipo da princesa, com o uso de recursos lúdicos para crianças e o processo de mentoria desempenhado no âmbito religioso para promover o retorno da mulher ao ambiente doméstico como um ato de aceitação da condição feminina. As produções do estúdio Walt Disney são apresentadas como a iniciação da criança ao mundo de princesas, sendo a fantasia apropriada por práticas religiosas e instituições educacionais que visam modelar jovens para terem um determinado perfil. Michele Bueno mostra a colonização infantil que promove a valorização de determinados aspectos estéticos, enquanto o estudo de Valéria Vilhena mostra o efeito que a colonização afetiva ocasiona em

mulheres, sobretudo as que buscam amparo religioso para lidar com problemas de foro íntimo.

O terceiro capítulo aborda a construção da esposa tradicional e a elaboração do feminismo como subversão, a fim de contrastar a liberdade feminina com a opressão que é resultado não do feminismo, mas da vivência capitalista e neoliberal. O conteúdo colhido para análise evidencia um olhar crítico ao feminismo como um corruptor de mulheres, com utilização de apontamentos de Ana Caroline Campagnolo e Alice von Hildebrand. O apelo por mulheres dóceis e femininas é amparado por conteúdo de Jaqueline Bastos, que entende o feminismo como responsável pelo “homem fraco” ou “violento”. Tal situação contrasta com a pesquisa de Analba Teixeira, cujas fontes são relatos de crimes cometidos por homens que entenderam não poder mais continuar com a vida que levavam, porém decidiram primeiramente pelo feminicídio para então dar sequência ao suicídio.

A unidade dos preceitos permite uma análise sobre o sentido do feminino no neoliberalismo. Uma musa do lar, cuidadora, fonte de conforto ao trabalhador, responsável pela perpetuação da espécie e pela ternura no mundo, da mulher se demanda o divino mediante a lembrança de sua imperfeição peregrina, seja no estético, religioso, social, político e nos demais campos nos quais se demanda a subserviência.

## 1. Um discurso para uma ordem

“Palavras têm poder”. Mais do que um preceito popular, a emissão de conceitos e a partilha de informações por determinado emissor pode resultar de ambiente harmonioso em comunidade à discórdia entre Estados. Cabe então a reflexão sobre o que se ouve, de quem se ouve e quem elabora o enunciado. De acordo com Marx e Engels (2006), a classe dona dos meios de produção também é dona dos meios de produção intelectual, de modo a restringir a veiculação de conteúdo de acordo com seus interesses. Com o monopólio dos meios de comunicação por uma oligarquia, compreende-se que o discurso disponibilizado ao público incute ideologias, conceitos e uma construção de valores que incitem os comportamentos desejados pela classe dominante – o consumo de determinados itens, a valorização de determinadas atitudes, a revolta para alguns assuntos bem como o desconhecimento ou a má interpretação de outras pautas.

O controle de discurso permite à classe dominante a disseminação de determinados valores e comportamentos, além de restringir eventuais ameaças de tomada do poder por evitar a mobilização popular dada a assimilação de noticiosos ou a conscientização do condicionamento desempenhado.

Em termos de gênero, se aplicam desejos de consumo que reforçam valores à mulher. Roupas, calçados, a busca pela beleza através de cosméticos – “Porque você vale muito”<sup>2</sup>. Isso quando mulheres são de fato interpretadas como consumidoras, mesmo que seja por meio da instrumentalização da beleza como opressão.

A mulher é apresentada como um valor agregado em comerciais de cerveja. Homens consomem o produto e são presenteados com beldades em roupa de banho, porém não é usual a compreensão da mulher como consumidora. Em 2014 a Heineken, cervejaria patrocinadora da Liga dos Campeões da UEFA, realizou uma ação<sup>3</sup> na qual haveria desconto na venda de sapatos para proporcionar “descanso” aos homens, ao

---

<sup>2</sup> “Because I’m worth it”, slogan da L’Oreal desenvolvido em 1971, apresenta tradução “Porque você vale muito” no mercado brasileiro.

<sup>3</sup> PORTUGAL, Mirela. Futebol ou sapatos? Ação da Heineken divide consumidores. **EXAME**. 23 mai 2014. Disponível em <<https://exame.com/marketing/heineken-cria-liquidacao-de-sapatos-durante-final-da-uefa/>>. Acesso em 03 dez. 2020.

entender que esposas e namoradas teriam mais preferência em comprar sapatos do que assistir futebol.

Na publicidade de produtos de limpeza, a mulher é alçada como principal referência. Há o entendimento de que as atividades domésticas são de sua responsabilidade, ao que podemos utilizar comercial de sabão Tixan Ypê "O poder do X", de 2017.

Figura 1 - Recorte do comercial "O poder do X"



Fonte: Canal Neogama - vídeo Tixan YPÊ | Poder do X, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=goxIsHi\\_Cqk](https://www.youtube.com/watch?v=goxIsHi_Cqk)

O comercial inicialmente apresenta um protagonista homem, contudo este não sabe se situar em um supermercado, ao que liga para a mãe a fim de saber qual sabão em pó utilizar. O comercial é concluído quando o mesmo homem novamente liga para a mãe a fim de perguntar como operar uma máquina de lavar.

A mulher também é lida socialmente como alguém incompleta se não houver um par romântico em grande parte de filmes e séries. Seja pela ironia de Jane Austen em relação ao casamento, seja pela quantidade de livros de auto ajuda que se propõem a tornar um relacionamento feliz, a mulher é avaliada no entretenimento pelo seu poder de balancear seus sonhos com a conquista de alguém, a exemplo do filme *O Diabo Veste Prada*, de 2006. Na película *Andrea Sachs*, interpretada por Anne Hathaway, possui um



trabalho desafiador em uma revista de moda. O excesso de trabalho e exigências faz com que Andrea não consiga cumprir os ritos sociais com amigos e por fim seu namorado Nate questiona quem de fato importa na vida dela, o que conduz o casal a um rompimento.

Não é correto normatizar o relacionamento abusivo desempenhado por Miranda Priestly, porém tampouco é normatizar um relacionamento amoroso no qual se demande uma escolha como Nate impõe à Andrea. O cenário apresentado pelo enredo corresponde ao que se demanda da mulher contemporânea – ela deve ser uma excelente profissional como se não houvesse uma vida pessoal, ao mesmo tempo que tem que se dedicar à vida amorosa como se não houvesse outro campo no qual desejasse focar. Embora aprecie as mudanças estéticas de Andrea, que passa a ter mais cuidado com questão estética devido ao ambiente no qual se inseriu, Nate representa a figura do homem que ao ter seus desejos frustrados não é capaz de compreender ou apoiar a parceira. A permanência de Andrea na empresa seria por um ano, a fim de poder então se direcionar para a área com a qual ela tem afinidade, contudo a paciência de Nate não concebe o prazo como um período no qual ele pudesse entender a dedicação de sua parceira na construção de uma carreira jornalística.

É possível notar a perpetuação da lógica patriarcal mediante a objetificação da mulher na publicidade e em sua caracterização no entretenimento. É exposto um arcabouço de mensagens que consolidam na sociedade o gendramento de papéis, a demanda por determinados comportamentos, embora o sexo não seja um fator que impeça o exercício de determinadas atividades ou ofícios.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 2019, p. 11).

A condição de mulher é concebida e propagada por premissas tidas como inerentes à mulher, sem a devida compreensão de que há subjetividades presentes em todo indivíduo. Caso não se exerça um dos aspectos ditados como femininos, há a rejeição social do reconhecimento de um indivíduo como “mulher de verdade”. Vende-se a ideia de uma maternidade romantizada, por exemplo, que proporcionaria à mulher a

completude de sua existência ao dar vida a outro ser humano, além de alimentá-lo, educá-lo, cuidar dele e ser sua referência. A ausência do homem como figura paterna é menos recriminada do que a ausência da mulher como principal cuidadora de seu filho, sendo a mulher a responsável por não ter “escolhido” bem o pai da criança, por não ter planejado adequadamente a gravidez ou por não dar a devida condição de subsistência ao filho e depender de pensão alimentícia, por exemplo.

A idealização da maternidade, não raro, promove sofrimento às mulheres que não a almejam ou que, em seu exercício, possuam sentimentos conflitantes ao não terem no ofício materno a realização que se é divulgada. No período de 2008 a 2013, a socióloga israelense Orna Donath (2017) colheu relatos de mulheres de diversos grupos sociais que partilhavam um sentimento considerado tabu – o arrependimento de ser mãe. Nos relatos, diversos cenários culminam em uma situação: mulheres que não desejavam ser mães tiveram filhos devido à pressão de seus companheiros ou da sociedade, que entende que a plenitude em ser mulher é o gestar e cuidar. O convite de Donath é para que não se avalie o estudo como um compêndio de mulheres que não se sentiram capazes de vivenciar o amor materno vendido nos comerciais, mas como a necessidade de averiguar o sistema de poder que leva mulheres, outrora resolutas de seus desejos, a “dar uma chance” para a maternidade e iniciar uma vivência de arrependimento, sem poder partilhar seus sentimentos para não serem ostracizadas. Donath (2017) apresenta a reação ao artigo de opinião publicado por Isabella Dutton (2013), então com 57 anos, para ilustrar a receptividade que se tem com a mulher que não vê na maternidade o auge de sua vivência. No artigo de Dutton há a narrativa sobre a maternidade exercida não por um desejo próprio, mas para satisfazer o marido, dada a interpretação de que privá-lo de filhos seria uma atitude egoísta. Dutton entende a maternidade como a privação de seus momentos de lazer e introspecção, bem como o término de uma vida profissional dada sua resolução de criar os próprios filhos, pois estes seriam responsabilidade dela. Ao pautar este relato, Donath destaca do total de 1,8 mil comentários um em específico:

Que mulher mais cruel, insensível e egoísta! (...) Fico imaginando o que o marido pensa dela! (...) Que coisa horrível de se admitir! Por quê? Você não podia guardar isso pra si? Coitados dos seus filhos (DONATH, 2016, p. 172).

Não há na sociedade a busca por se compreenderem os motivos que levaram à maternidade indesejada e por acolher o sentimento da mulher. Trata-se o arrependimento como uma incapacidade de assumir responsabilidades, como ausência da percepção de que futuramente ela estará feliz pela escolha ou como uma abominação. O comentário pautado por Donath elenca a necessidade de que se mantivesse silêncio sobre uma dor em respeito a um marido que já estava ciente da situação, bem como especula sobre os sentimentos de filhos com quem Dutton relata já ter conversado a respeito. Demanda-se um pacto de silêncio, como se as inquietações de Dutton sobre a própria vida não fossem dignas. É indicado que o “correto” a ser feito pela autora seria anular seus sentimentos para o bem estar da família e manutenção de uma suposta felicidade. Entretanto, é possível visualizar não somente um pretenso compromisso sobre não causar mágoa a indivíduos, mas o desejo de dispersar uma discussão sobre a maternidade obrigatória. É mais agradável ao público uma visão romântica do que um debate sobre porque a maternidade não é o paraíso que é ilustrado por comerciais e discursos. A reação dos comentaristas inclui que o assunto deveria ser dito ao terapeuta, que a autora deveria pensar nos casais que possuem problemas de fertilidade e reflexões sobre como são felizes por terem pais amorosos. Curiosamente, em comentários sobre uma receita de pudim natalino<sup>4</sup> não se notam reflexões grandiosas sobre pensar nos casais que não têm condições de colocar comida na mesa em tempo de pandemia – e tampouco teriam condições de comprar cerveja, *brandy* e rum, fora frutas secas diversas para um pudim natalino. Tampouco sugeriram deixar questões como cerveja, *brandy* e rum para discussão com Alcoólicos Anônimos – no máximo se questionou o uso da cerveja na sobremesa. Ainda que sejam assuntos totalmente diferentes, a partilha de uma angústia deveria ser mais bem recebida do que uma receita ou caberia então que o pacto de silêncio sugerido pelo público fosse por ele implementado para não tentar tirar a legitimidade do sentimento de Dutton.

---

4 Caso deseje saciar a curiosidade sobre a receita e os comentários, disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/femail/food/article-8976995/Royal-family-share-recipes-Queens-Christmas-pudding-people-shocked-includes-BEER.html>>. Acesso em: 06 dez. 2020.

Orlandi apresenta o discurso como “duplamente determinados: de um lado, pelas formações ideológicas que os relacionam a formações discursivas definidas e, de outro, pela autonomia relativa da língua” (ORLANDI, 2011, p. 15). Desta forma, o silêncio ocorre pelo não-dito, pela ausência de palavra para denominar algo ou pelo que Orlandi denomina “política do silêncio”, a qual se divide no silêncio constitutivo e no silêncio local, sendo este a censura em si

O silenciamento é uma forma coercitiva de poder, ao negar ao indivíduo que se expresse, ou uma forma de resistência, ao utilizar a ausência de verbalização como um instrumento de retórica. Ao determinar uma pauta como tabu, promove-se um pacto de silêncio que pode significar não necessariamente um empenho coletivo para promoção de bem estar social, por exemplo, mas a ausência de questionamentos que façam com que o *status quo* seja ameaçado. Segundo Orlandi,

Impor silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos (ORLANDI, 2011, p. 67).

Com a figura materna exaltada em comerciais, feriados, religião, não encontrar a felicidade nesse ofício é tido como abominação. Não se concede espaço para a reflexão sobre a maternidade como algo que deveria ser uma escolha da mulher, sem o peso de que seja por ela executada de uma determinada forma e vivenciada com determinado sentimento. Verifica-se a convergência entre o público de que caberia à Dutton permanecer em silêncio ao invés de romper com o sentido atribuído à maternidade ao apresentá-la de modo objetivo como uma situação que demanda da mulher uma entrega sem necessariamente ocasionar a felicidade imensurável que anunciam comumente.

## 1.1 Uma cartografia para o gendramento

A cartografia como metodologia nas ciências humanas e sociais promove a troca de relevo, território, densidades populacionais, clima e outros pela observação de aspectos sociais – relacionamentos, discursos, forças –, no que Foucault denomina

como “espacialização da história”. Por meio da análise de narrativa é possível a compreensão do momento, de modo a se verificar o conjunto de símbolos e elementos idealizados no aspecto das ciências humanas, o que subsidia a análise crítica do objeto de estudo.

A construção da feminilidade é uma ação que se embasa na visitação dos arquétipos elaborados pela sociedade e identificados como inerentes à condição feminina. Ao trabalhar com a questão do gênero feminino é possível se deparar com a construção de expectativas às mulheres que as mantenham sob o julgo do homem, confinadas ao ambiente doméstico e aos atos de servidão. De vestimentas a comportamentos bem como a aceitação em determinados círculos profissionais, dita-se à mulher o que dela é esperado e, caso não haja a devida performance em vestes e atos, bem como o devido contentamento aos papéis sociais, entende-se a mulher como alguém desvirtuado ao negar sua “natureza”.

Em que pese que o conceito de feminino não se prenda aos elementos biológicos que determinam o sexo, a performance da feminilidade segundo premissas sociais é facetada de acordo com a cultura de uma dada sociedade. Ao realizar estudos para a obra *Repudiating Feminism: Young women in a neoliberal world*, a socióloga Christina Scharff (2019) notou que, embora as mulheres reconheçam a justiça da igualdade de gênero, há uma recusa em se definir como feminista por não querer se alinhar a uma figura estereotipada como a mulher solitária que odeia homens, é lésbica e não é feminina.

A quebra na performance da feminilidade é tida não como liberdade de ação de um indivíduo, mas como a destruição de padrões de conduta que, em tese, guardam os pilares da sociedade e a mantém “civilizada”, pois se mantêm os lugares de poder detidos pelos homens. Tal visão se faz presente não somente em grupos conservadores: há partilhas de crítica ao movimento em grupos femininos que entendem por feminismo a substituição de uma ditadura por outra, a exemplo de questionamentos elencados por Camille Paglia<sup>5</sup> (2019) em entrevista ao Estadão. Camille Paglia é apresentada como

---

<sup>5</sup> Camille Paglia é uma crítica cultural norte-americana, feminista radical e anti-feminista. Ela compreende que o feminismo adentrou por veredas que não promovem o real avanço social ao adotar um posicionamento anti-masculino, o que promove ruptura nos relacionamentos entre os sexos.

intelectual norte-americana, ao que vale ressaltar sua militância no feminismo ter se iniciado na década de 60.

Camille Paglia (2019) vê o feminismo contemporâneo como dogmático, no qual as mudanças no contexto social cederam espaço para a questão de gênero. Em entrevista à Folha de São Paulo em 2015, Paglia já apresentava questionamentos sobre o feminismo contemporâneo, ao que traça o comparativo de que inicialmente havia demanda por equidade e atualmente o feminismo culpa o homem por tudo.

As mulheres precisam se responsabilizar por suas vidas e parar de culpar os homens por seus problemas, que tem mais a ver com questões e estruturas sociais, e não são fruto de uma conspiração masculina (PAGLIA, 2015).

Na entrevista concedida em 2019, Paglia reitera a necessidade de que o feminismo não seja paternalista, vigie os indivíduos e determine procedimentos. Paglia também apresenta a ideologia de gênero como força motriz para que pessoas se alinhem à direita política, ao entender, por exemplo, que uma criança não é um indivíduo que possa tomar decisões sobre sua sexualidade.

O retorno da mulher como indivíduo pautado em valores religiosos e conservadores tem atraído setores da sociedade, principalmente com as distensões políticas que ocasionaram a ascensão de figuras de poder que se pautam na retomada da “família tradicional”. O desejo político religioso de promover o retorno do homem ao papel de provedor e da mulher à submissão e dedicação ao lar se fez presente de maneira mais ostensiva tempo atrás, quando a revista VEJA, de grande circulação nacional, propôs-se a exaltar a primeira-dama Marcela Temer como “bela, recatada e do lar”<sup>6</sup> em detrimento de notificar algum evento mais significativo à sociedade, dada a ausência da primeira-dama como alguém com atuação político-social ativa. O texto em questão pode ser tratado como publicidade, ao construir em Marcela a figura de devotada esposa para sensibilizar o leitor sobre um lado humano do então presidente Michel

---

6 LINHARES, Juliana. **Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”**. Veja, 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 03 set. 2020.

Temer, o que torna novamente a mulher como uma ferramenta para a promoção masculina.

Com a consciência do poder do discurso, cabe indagar a quem interessa a submissão feminina. Foucault aponta a possibilidade de estudo das interdições que atingem o discurso da sexualidade, ao que dá ciência sobre a necessidade de abranger searas distintas.

Seria difícil e abstrato, em todo o caso, empreender esse estudo sem analisar ao mesmo tempo os conjuntos dos discursos, literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, onde se trata da sexualidade, onde esta se acha nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada (FOUCAULT, 2014, p. 63).

Conforme Foucault, o discurso pode ser compreendido como efeito e instrumento para o estabelecimento de uma dada ordem; quem o detém consolida posição de soberania. Mediante o uso do discurso é obtido não apenas a indicação de autoridade por quem o pronuncia, mas também se verifica o conjunto de signos ao qual se entende a pertinência de manutenção – comportamento, conceitos –, há uma ritualística para coerção do indivíduo a acatar a informação a ele transmitida o que remete à dominação legítima como concebida por Max Weber (2009) mediante o uso do Legal, do Tradicional e do Carisma.

A dominação legal cerceia as possibilidades mediante um arcabouço burocrático, de modo que o discurso em si tem seu poder consolidado não pelo orador ou instrumento disseminador, mas pela referência que este faz às regras estabelecidas que interferem em dado contexto e são de reconhecimento público, ao que temos um poder institucional. A dominação legal foi o que impediu à mulher o voto, o direito de propriedade e caracteriza o direito ao próprio corpo em nuances distintas a depender da situação, pautando-se em aspectos morais e religiosos sem reconhecer a autodeterminação do indivíduo. A este último há a exemplificação no ato do aborto. Em que pese a inviolabilidade da vida, a palavra final atual se pauta mais em aspectos doutrinários do que o reconhecimento do indivíduo ter direito ao seu corpo – seja para interromper uma gestação indesejada, seja para findar uma vida de agonia. Há a exaltação do sofrimento como meio de purgar a vivência, ao que se tem a gravidez como castigo por não ser casta ou como meio de significar a vida da mulher, caso a gravidez

seja resultado de violência, ao passo em que o sofrimento é mistificado na figura do Cristo crucificado. Vende-se a ideia de céu de modo obrigatório sem se pautar na qualidade de vida do indivíduo, seja para seguir com os desdobramentos físicos e psicológicos de uma gestação indesejada, com a responsabilidade da maternidade ou para permanecer em situação de sofrimento físico e psicológico com uso apenas de paliativos, mediante a consciência de que a situação jamais terá uma melhora.

A dominação carismática ocorre mediante a aceitação de um discurso dado a persona que o professa. Por ela há a obediência não por um indivíduo ocupar um determinado cargo, ou por haver uma tradição que consolide seu lugar de fala – há uma admiração pessoal, um reconhecimento messiânico, no qual se acata o discurso dada a reverência ao enunciador. Cabe ressaltar que tal dominação implica na permanência do indivíduo em uma situação de estima por quem ele deseja afetar.

Para exemplificar a dominação carismática pode-se apresentar o caso de Flordelis dos Santos de Souza, pastora e deputada federal. Missionária, adotou 51 crianças e adolescentes, consolidou carreira como cantora gospel e foi objeto de admiração a ponto de ter sua história registrada em filme com participação de atores da emissora Globo – que se abstiveram de receber pelo trabalho. Flordelis foi eleita em 2018 deputada federal pelo Rio de Janeiro com 196.959 votos e um discurso “contra ideologia de gênero” e “a favor da família, a favor da vida, a favor da mulher”. Em 2019 assumiu o cargo e em 2020 se tornou alvo de investigação por suspeita de ser mentora do assassinato de seu esposo, o pastor Anderson do Carmo. Em inquérito consta troca de mensagens na qual Flordelis se posiciona com a seguinte frase: “Fazer o quê? Separar dele não posso, porque senão ia scandalizar o nome de Deus”.

Dada a situação de desmoralização, houve a alteração da denominação da igreja evangélica *Ministério Flordelis* para *Cidade do Fogo*. Pode-se entender por tal ação uma forma de dissociar a instituição da figura da própria fundadora.

Ao serem de conhecimento notório as circunstâncias que culminaram na morte de Anderson do Carmo, há a derrocada do carisma de Flordelis. O que lhe condicionava poder era a construção da imagem de mulher cristã, exaltada na maternidade e na vivência do evangelho, que teve seu carisma arruinado ao quebrar um dos mandamentos bíblicos de modo radical.



Por último, há a dominação tradicional, sendo o patriarcado compreendido pelo próprio Weber (2019) como seu modelo mais puro. A dominação tradicional compreende o conceito de fidelidade à tradição, sendo o questionamento uma heresia. As coisas são como são, a ausência de precedentes inibe o surgimento de alternativas, o que é notado na hegemonia masculina que condiciona a mulher à submissão e se vale de discurso, fé, carisma e tradição. É importante ressaltar que o patriarcado onera tanto a mulher quanto o homem, embora em graus de sofrimento distintos. O gendramento de ações sujeita os indivíduos a um modo de vida regido por expectativas sociais e ignora vocação e desejo. A dominação masculina é fruto de um processo histórico complexo que conta com o apagamento do sagrado feminino outrora exaltado em figura de divindade<sup>7</sup>, com a difamação da figura feminina em aspectos culturais e religiosos<sup>8</sup>, com o questionamento de capacidades cognitivas embasado por pseudocientistas<sup>9</sup> e com a ausência de questionamento para adoção de crenças paternalistas nas quais o acesso ao sagrado é garantido primordialmente aos homens<sup>10</sup>.

Com a construção da civilização ocidental pautada na Bíblia, há a perpetuação da figura do patriarca. Em que pese a diversidade de traduções, alterações e a aceitação ou não do Novo Evangelho, a Bíblia apresenta preceitos que consolidam numa figura masculina – Moisés – a fundamentação do monoteísmo. Há a apresentação de

---

7 Na Mesopotâmia apelos à Ishtar, divindade feminina, eram intermediados por sacerdotisas. Os hinos entoados exultam Ishtar como “Benevolente Ishtar, que comanda o universo, heróica Ishtar, que cria a humanidade”. Na cultura Cristã há segmentos que contemplam apelo à Maria, mas na condição de intermediadora do pleito para despertar a misericórdia divina, dado o seu posicionamento de poder ser o exercício da maternidade do filho de Deus.

8 Há estudos que questionam qual seria de fato o papel de Maria Madalena na história de Cristo, uma vez se entender que houve adequação da pessoa para a figura de meretriz de modo a evitar a aceitação de uma mulher como membro dos apóstolos.

9 George Romanes, biólogo evolucionista amigo de Charles Darwin, ao ingressar em discussão sobre a capacidade intelectual feminina pautou no periódico *Popular Science Monthly*: “Verificando que, em média, o cérebro das mulheres pesa cerca de 142 gramas a menos que o dos homens, por causas meramente anatômicas, deveríamos estar preparados para esperar por uma nítida inferioridade de capacidade intelectual nas primeiras”. Homens e seus complexos por tamanho.

10 Na doutrina católica não há celebração de missa por mulheres, dada a premissa de que na Santa Ceia havia somente homens. A mulher também é excluída das tomadas de decisões – o exercício do poder no Vaticano é reservado aos homens, porém a mulher não é isenta da obrigação de participar de missas. Há interpretação de que a ausência da mulher como figura de poder no catolicismo proporciona a concentração de renda e poder na figura da Igreja, uma vez que se demanda o celibato aos membros – e um homem jamais poderia ocasionar prova de paternidade, enquanto a gestação é algo evidenciado no corpo feminino.

genealogias fundamentadas somente na figura do masculino e um discurso no qual observa-se homens com liberdade sexual, contudo a mulher não possui o mesmo direito, sendo propriedade de seu pai, irmãos, esposo ou sogro.

No âmbito da saúde mental há o estudo dos processos de subjetivação, no que se destaca a construção dos dispositivos realizada por Valeska Zanello (2018). À mulher há a avaliação social e subjetiva por métricas da maternidade e do amor. A valorização da mulher ocorre mediante sua capacidade de se fazer sentir cobiçada por atributos físicos e alçar atenção de homens, ao que a autora institui o conceito de “prateleira do amor”; bem como mediante a maternagem, no qual a capacidade de procriação instituiu à mulher a premissa da maternidade como vocação natural, seja no exercício do ofício de mãe ou ao se voltar ao cuidado do próximo. A mulher que porventura se sinta bem na ausência de relacionamento amoroso e rejeite a maternidade é questionada sobre seu próprio valor, uma vez que não é validada pela presença de um homem ou pela contribuição à sociedade ao parir um novo cidadão.

Ao homem a sociedade se volta com o que Zanello define por “dispositivo da eficácia”. Da mesma forma que se constrói a feminilidade mediante a demanda por determinadas performances à mulher, a masculinidade é construída mediante o exercício da virilidade e do desempenho tanto sexual quanto profissional pelo homem. Dele se espera o exercício da figura de provedor, a ausência de características ditas femininas como ser dócil, vaidoso ou emotivo, bem como se exalta a sexualidade desde que esta seja desempenhada no âmbito heterossexual, dada a premissa de submissão da mulher.

Estabelecida a tradição na valorização do indivíduo mediante sua performance de gênero, há o questionamento da real felicidade do indivíduo que não compactua com o que é tido por tradicional. A mulher que não se ampara nos dispositivos amoroso e maternal para consolidar sua vida é vista como aquela que negou sua feminilidade para alçar poder e, portanto, terá uma felicidade efêmera, pois na visão tradicional seria questão de tempo para haver um questionamento sobre suas escolhas e o arrependimento por se afastar do caminho “certo”.

O homem tem sua virilidade questionada caso não seja o provedor de seu lar e se encontre em uma situação em que é o responsável pela criação dos filhos, enquanto a esposa é a responsável por trazer renda à casa. Se ele partilha a situação como causa

de sofrimento, é acolhido. Contudo, se ele partilha a situação como algo que não seja fonte de tristeza, interpreta-se que a ele falta hombridade, pois é sustentado pela mulher – sendo que o papel inverso não seria questionado pela sociedade, que entende ser a mulher aquela que deve ficar no lar para administrá-lo enquanto o homem se aventura no mundo exterior.

## **1.2 Um plano neoliberal: as prerrogativas para uma performance surreal**

Se pautarmos pela figura humana como entidade dotada de razão, entendemos que o preceito de igualdade é algo que deveria ser assimilado dada a concepção do indivíduo como parte de um todo. Há sociedades que ainda possuem comunidades que prezam por castas, há sociedades que ainda entendem haver distinção entre indivíduos de acordo com o socioeconômico, contudo, há um consenso social quanto à distinção por sexo. Em que pese o protagonismo masculino na história mundial, com o homem sempre reconhecido por feitos diversos, a narrativa feminina é envolta por personagens que geralmente são idealizadas pela beleza, pela fé, pela maternagem – ou vilipendiadas pela sexualidade, pela não adequação ao padrão feminino ou por serem portadoras de características que aos homens são tidas como naturais.

Em meio às críticas sobre a perda da feminilidade, misandria, corrupção moral e outras pautas abordadas por conservadores, consta mais do que mera diferença ideológica – ou mesmo apenas o medo dos homens de perder um serviço gratuito de governanta, cozinheira, faxineira, passadeira e amante. A ressignificação do feminino como algo a ser decidido pela própria mulher implica a ressignificação da sociedade como um todo, o que impacta em aspectos de poder – que quase sempre abalam a posição do homem na sociedade.

A experiência negativa com o feminismo percebida no discurso conservador é transmutada em um fantasma a ser combatido. Feministas irão obrigar mulheres a não se depilar, a cor rosa será abolida, o sexo será desregrado e sem julgamento sobre ser promíscua ou não – um cenário já aplicado ao homem. Diz-se que o feminismo quer inferiorizar o homem ou até replicar atos condenados, ao que fica o questionamento

sobre índices de estupro cometidos por mulheres, ações de homicídio causadas por mulheres que se recusam a pagar pensão ou que entendam o ex-parceiro como posse. Tampouco há registros históricos de crimes “de honra” nos quais uma mulher tenha sido a responsável por jogar ácido no rosto de um homem ou um homem tenha sido morto por não ser mais virgem; ainda mais, desconhecemos práticas nas quais um homem seja mutilado para garantir que ele não tenha relacionamento sexual de seu interesse em momento prévio a ser entregue pela família para sua esposa arranjada.

Um dos modelos do conservadorismo seria a figura de Amélia, “mulher de verdade”, nos versos de Mário Lago e Ataulfo Alves. A música faz uma comparação entre duas mulheres para incutir em uma a valorização das características de Amélia: submissa, companheira, sem vaidades, sem desejos de consumo e que se contentava nas intempéries de modo manso. “Amélia” virou na cultura brasileira sinônimo de dona de casa subjugada pelo marido – e, ao mesmo tempo, um fetiche masculino no qual há controle sobre uma mulher que não contraria o homem, embora contraditoriamente a ausência de vaidade seja uma das críticas ao feminismo, dado que os cuidados estéticos são demandados à mulher como necessários para o exercício da feminilidade.

Em “A Mística Feminina”, obra de Betty Friedan (2020) publicada em 1963, a construção da esposa devotada ao lar e à família é trabalhada como fonte de frustração feminina. A idealização da mulher como esposa promove a construção de uma persona que se vê concretizada mediante a consolidação de uma estrutura familiar exaltada pelos comerciais: a mãe dedicada que desempenha alegremente as funções domésticas, cuida da família, conduz o consumo familiar e se alegra pelas posses não de patrimônio, conhecimento ou profissão – mas de eletrodomésticos, marcas de itens alimentícios, uma família “feliz”. Tal situação, contudo, resulta na insatisfação da mulher ao perceber sua anulação dado que o marido possui uma carreira à qual se dedicar e os filhos eventualmente ocuparão o tempo com estudos, carreira e posteriormente a construção de uma família. O “problema que não tem nome”, como abordado por Friedan, é a insatisfação feminina ao notar que as promessas de realização por meio da vida doméstica não são reais uma vez que a mulher se veja condicionada à dependência do esposo e sem uma vida própria. A percepção feminina de que estudar não seria de ganho uma vez que não haveria como utilizar o conhecimento obtido resultou em mulheres

frustradas, enquanto a academia, local que apontava o declínio da saúde mental da mulher casada – envolta por depressão, alcoolismo e demais vícios listados em pesquisas – ao mesmo tempo interpretava o perfil de uma mulher jovem e estudiosa como alguém que necessita de psicoterapia. Ao se valer de informação de um estudo desempenhado por Nevitt Sanford em 1956, o cenário pautado por Friedan compreende a conclusão de que “ser menos feminina está intimamente relacionado com ser mais culta e mais madura” (FRIEDAN, 2020, p. 213).

Pode-se dizer que a consolidação da família nuclear é a garantia de perpetuar a produção da força de trabalho mediante o condicionamento dos indivíduos. Homens com família não recusam serviço dada a necessidade de sustentar esposa e filhos. Esposas não questionam a divisão desigual das atividades domésticas, dada a mentalidade de que se trata de gratidão ao companheiro, provedor do lar. Com o estabelecimento da essência da feminilidade voltada ao lar, há um acerto social que prioriza o capital ao instituir à mulher que ela deve servir por amor e cuidado, enquanto ao homem cabe a gratificação financeira e a certeza de encontrar um lar para o qual voltar. O objetivo não é a saúde mental ou felicidade dos envolvidos, mas um arranjo que possibilita aos donos do meio de produção contar com uma força de trabalho coesa e disposta a ser explorada mais e mais. Isso porque a produtividade como moeda denota o reconhecimento e justificativa de papéis sociais – como o chefe da casa, na condição de detentor dos recursos financeiros, e a dona de casa, na condição de detentora das atividades domésticas pautadas ao bem estar familiar.

Tal arranjo de poder desigual faz com que se entenda o homem como dono de direitos em relação à mulher, algo que foi cristalizado durante anos e que na sociedade ainda fica claro em discursos como o realizado pelo jornal A Tribuna, em maio de 2016, vide imagem a seguir.

Figura 2- Reprodução de noticioso do jornal A Tribuna de 01/05/2019, Caderno Noticiário, página 24

24 ATRIBUNA VITÓRIA, ES, DOMINGO, 01 DE MAIO DE 2019

## Polícia

FALE COM A EDITORA GIOVANNA SANTOS E-MAIL: policia@redtribuna.com.br

AGREDIDA DENTRO DE CASA

# Mulher nega sexo e mata marido

Sidilene Durães foi presa após esfaquear o serralheiro Gilberto Carlos da Silva. Crime ocorreu em Pedro Fontes, Cariacica

Tais de Hollanda

Ao ser agredida por se negar a fazer sexo com o marido, uma faxineira de 29 anos acabou matando o serralheiro, de 33 anos, com um golpe de faca. Sidilene de Oliveira Durães alegou que estava cansada das agressões e confessou o crime.

O caso foi às 5h20 de ontem, no bairro Pedro Fontes, em Cariacica. A facada atingiu o lado esquerdo do peito da vítima.

Segundo familiares, Sidilene e o marido, o serralheiro Gilberto Carlos da Silva, de 33 anos, estavam em casa bebendo. Após um tempo, o marido propôs que eles fizessem sexo, mas a jovem se recusou.

“Ele queria fazer sexo com ela na frente da filha caçula deles, de 2 anos. Ela não quis. Então ele começou a dar tapas nela e tirar a roupa dela. Até que ela pegou uma faca e o golpeou”, contou a mãe de Sidilene, a dona de casa Ana Maria Durães, de 52 anos.

A dona de casa ficou sabendo do crime, após o outro filho ir até sua casa e contar. Eles moram a cerca de 12 quilômetros do local.

O soldado Luciano Cancellieri da 4ª Companhia (Nova Rosa da Penha) do 7º Batalhão (Cariacica) da PM informou que, quando a polícia chegou ao local, a jovem estava dentro de casa ainda suja de sangue e confessou o crime.

“Ela ligou para o Ciodes avisando que o marido estava agressivo e



**POLICIAL MILITAR** conduz Sidilene de Oliveira Durães na Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa, onde ela foi ouvida sobre a morte do marido. Ela admitiu ter esfaqueado o companheiro, após ser agredida por se negar a fazer sexo. Crime aconteceu no bairro Pedro Fontes

## União marcada por brigas, afirma pai



JOSÉ DURÃES: “Filhas trancadas”

Um histórico de brigas, principalmente motivadas por causa de excesso de bebida, marcaram a vida da faxineira Sidilene de Oliveira Durães, de 29 anos, e do serralheiro Gilberto Carlos da Silva, de 33 anos, segundo familiares.

O pai de Sidilene, o pedreiro José Durães da Silva, de 62 anos, afirmou que a família já presenciou casos em que Gilberto deixava as filhas de 2 e 9 anos em casa sozinhas trancadas.

“Minha filha ia trabalhar e ele quem tomava conta das crianças.

E chegava à tarde ele saía para ir no bar e trancava elas dentro de casa”, contou.

Na madrugada de ontem, depois de recusar fazer sexo com o marido, a faxineira Sidilene pegou uma faca e golpeou o marido no peito.

Um parente de Sidilene, que não quis se identificar, contou que já teve de arrombar a porta da casa da faxineira em uma dessas situações.

“Eu arrombei a porta e as meninas estavam lá sozinhas. Já entrei em luta corporal enquanto ele a

agredia”, contou.

Por duas vezes Sidilene já levou o caso para a polícia no Plantão Especializado da Mulher (PEM), das duas por agressão.

“Mas da segunda vez ela retirou a queixa contra ele. A mãe de conversava muito sobre isso e a com a minha neta de 9 anos. Ela tinha muito medo de se separar”, contou o pai.

Na Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), Sidilene foi autuada por homicídio e encaminhada ao presídio.

Ao se pautar em Foucault (2016), entende-se a produção do sentido ser embasada em práticas e relações de poder. A proposta genealógica prevê a existência de um amálgama social e cultural que consolida valores expressos no discurso. A utilização do termo “nega sexo” caracteriza a premissa de que a disponibilidade feminina para a prática de ato sexual é mandatória. Não há menção ao termo “estupro” ao longo de todo texto, que ocupou uma página. O enunciado informa que “**uma** faxineira acabou matando **o** serralheiro” (grifo nosso), o que mostra a generalização da figura feminina em contraste com a construção de um masculino em específico. A figura do esposo é

evocada majoritariamente pela profissão – serralheiro – sendo o histórico de violência no relacionamento apresentado de modo velado, apenas ao fim do texto. O que se compreende da dinâmica do noticioso é a naturalização da servidão sexual feminina, o que se torna mais sensível ao notar que a matéria foi escrita por uma mulher, Tais de Hollanda. Temos uma construção cultural na qual o homem é valorizado pelo ofício, a mulher é submetida a preceitos de sujeição sexual ao marido e um fato importante ao noticioso – ser a mulher vítima recorrente de violência e ter sido alvo de tentativa de estupro – é eclipsado pelo homicídio, ocorrido como reação a um ato de violência.

Ao mesmo tempo em que se tem controle da psiquê feminina quando se atribui serviço doméstico sob o signo de trabalho por amor, há o empenho no controle do corpo feminino. A questão do aborto é um exemplo de dominação legal e tradicional, dada a ausência de legislação que dê à mulher controle do próprio corpo e o discurso sobre maternidade repleto de lugares comuns – uma vocação natural da mulher, um meio de empoderamento, uma responsabilidade para com a espécie, sendo na verdade apenas interesse do capital na perpetuação de força de trabalho. Ao estar no ventre materno a criança não implica em vultosos gastos para o capital, ao passo que, uma vez nascida, interpreta-se na lógica liberal a responsabilidade caber à mãe, sobretudo sendo o Estado o detentor da violência que irá ser utilizada para os infantes que, dada situação de miserabilidade, habitarem áreas marginalizadas.

Com a premissa do ser humano como mera força de trabalho, seria plausível propor à mulher os mesmos insumos aos homens ofertados para que o mercado de trabalho contasse com profissionais de alta performance – afinal, o que se preza é o resultado. Todavia, o cenário não se desdobra como se pautado pela simples lógica. Embora em termos de qualificação acadêmica as mulheres sejam a maioria, persiste o teto de vidro que impossibilita a ascensão profissional feminina. Demanda-se à mulher um esforço maior que o homem, uma vez que se mantêm os questionamentos sociais sobre eventos reprodutivos, percepção de que mulheres são “delicadas e emotivas”, o que não resultaria em boas executivas, além da busca por incutir na mentalidade feminina por meio de doutrinas religiosas a submissão e uma ideia de que seu real valor se dá somente mediante à total dedicação ao lar.

Ao aprisionar a mulher ao lar e ao modelo de família tradicional, tem-se o homem livre para o exercício do trabalho. Vende-se a ideia de um sonho no qual o homem possa sair, ser produtivo, agradar aos preceitos liberais de desempenho, na confiança de retornar a um lar amoroso, organizado, livre de preocupações. Grégoire Chamayou (2020), em sua obra “A Sociedade Ingovernável”, aponta as ações desempenhadas por classes dominantes a fim de construir a despolitização da sociedade como um todo. Questionamentos sobre a metodologia do trabalho, a ausência de uma vida além ponto, o emprego de discursos que buscam humanizar o expediente enquanto mascaram uma rede interminável de ações que buscam disciplinar o trabalhador não em cunho meramente ético, mas ao não proporcionar aos donos dos meios de produção a rentabilidade demandada. Das diversas abordagens para apresentar o liberalismo autoritário, a submissão da mulher se vê contemplada tanto como força de trabalho devidamente registrada quanto no trabalho invisível desempenhado nos lares.

Na obra “A Nova Razão do Mundo”, o filósofo Pierre Dardot e o sociólogo Christian Laval debatem o neoliberalismo não como um ordenamento econômico, mas como um ordenamento ao indivíduo. A construção do homem neoliberal é “o homem competitivo, inteiramente imerso na competição manual” (DARDOT, 2016, p. 322). Se o homem moderno contemplava a dicotomia homem cidadão e homem econômico, o neoliberalismo ressalta este último como digno. Contudo, as pessoas não se convertem dada a premissa única de enriquecimento individual. Há a construção de um discurso que incita a eficácia e nutre nos indivíduos o apreço por desempenhos e a busca por uma felicidade mercantilizada.

A lei da eficácia é intensificar os esforços e os resultados e minimizar os gastos inúteis. Fabricar homens úteis, dóceis ao trabalho, dispostos ao consumo, fabricar o homem eficaz é o que já começa a se delinear(...) (DARDOT, 2016, p. 325).

Com a instauração de um homem voltado ao trabalho de modo total, há a busca pelo desenvolvimento individual para a construção do colaborador perfeito. A necessidade pautada não é mais de um indivíduo com determinada produção, mas de um indivíduo que transcenda e produza mais do que o esperado, o que se observa na continuidade de conteúdo voltado para o autodesenvolvimento e na busca por



aprimoramento, além do apreço por profissionais com múltiplas competências, em detrimento de especialistas. Com o homem focado unicamente na busca pela eficácia, ocorre a necessidade de uma rede de apoio que garanta a ele a ausência de preocupação com afazeres que concorram com sua produtividade; além da reposição deste mesmo homem tendo em vista o ser humano não ser eterno. Desta forma, é interessante nesta dinâmica o retorno da mulher ao lar para a gestão doméstica e a valorização de sua função reprodutiva, sem a cobrança da presença paterna, como se nota pela ausência de convergência no que seria tempo correto de licença paternidade para amparar a criança e a esposa ao menos no período de puerpério.

Ao observar os aspectos reverenciados na construção do feminino, verifica-se que os atributos nada mais são que funções de trabalho. A filósofa Silvia Federici (2019) resume o quadro sobre a romantização do trabalho não pago.

É importante reconhecer que, quando falamos em trabalho doméstico, não estamos tratando de um trabalho como os outros, mas, sim, da manipulação mais disseminada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou contra qualquer setor da classe trabalhadora.(...) A diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina (FEDERICI, 2019, p. 42).

A perpetuação da mulher como um indivíduo que desempenha atividades para comprovação de afeto, sendo estas notadas somente quando não desempenhadas no lar, proporciona ao capitalismo um serviço não pago de zeladoria, gastronomia, limpeza e conforto à força de trabalho. Ao se negar a desempenhar um dos papéis solicitados pelo homem, a interpretação social é de ingratidão. De acordo com Silvia Federici, o serviço doméstico é o trabalho oculto de “milhões de mulheres que consomem sua vida e sua força em prol da produção da força de trabalho que move essas fábricas, escolas, escritórios ou minas” (FEDERICI, 2019, p. 68), e não é pautado nos diálogos da esquerda dada a ausência de salário. Para fomentar no indivíduo a vida em uma sociedade movida por uma busca interminável por produtividade e repleta de felicidade efêmera, na qual se passa mais tempo em cubículos do que efetivamente vivendo a vida e desfrutando de lugares, paisagens, experiências e companhias, há a elaboração de um discurso que incute no indivíduo conceitos para mitigar a eventual sensação de vazio.

Sustentabilidade, responsabilidade social e outros conceitos são apresentados como evidências corporativas de contribuição para a sociedade e para o meio ambiente, sem ocorrer necessariamente reflexão sobre a exploração de mão de obra barata e produção de bens de consumo com obsolescência programada, sem previsão de descarte ecológico. A valorização do indivíduo como responsável pelo próprio crescimento pessoal contrasta o discurso de meritocracia aplicado aos trabalhadores com a existência de monopólios e herdeiros. A exploração do sujeito neoliberal, a busca pela produtividade sem limites e o desejo de um desempenho em grande crescente são embalados pelo discurso de desenvolvimento pessoal, bem como pela premissa de superação, pelo sucesso com posses e pela vivificação de preceitos como “o trabalho edifica o homem e a mulher sábia edifica o lar”.

### **1.3 O feminismo decolonial e o feminino tradicional – ressignificações dos femininos**

A busca pela permanência da mulher como uma entidade a subsidiar o capitalismo, se de início a conduziu ao mercado de trabalho para suprir a mão de obra deficitária (uma vez que homens foram à guerra para se matar por diferenças políticas causadas por outros homens que eventualmente demonizaram uma sociedade ou regimes políticos), posteriormente se transmutou na figura sensível e dedicada ao homem que retornava do *front* de batalha. Contudo, a percepção da mulher sobre ter uma vida com independência financeira e possibilidade de estender laços sociais com o convívio além família e igreja tornou-se algo atraente.

Todavia, seria leviano interpretar o feminismo como a jornada feminina pela emancipação voltada ao trabalho. Gloria Jean Watkins, teórica feminista conhecida pelo pseudônimo bell hooks<sup>11</sup>, apresenta a lacuna do feminismo clássico em assimilar a necessidade de uma abordagem que compreendesse a mulher – sobretudo a mulher negra – como alguém que já trabalha. A liberdade em si não se prende ao ingresso no mercado de trabalho, mas no extermínio do patriarcado, no fim de castas sociais, na

---

11 A grafia do pseudônimo é em letras minúsculas por desejo da própria autora, que entende ser esta uma maneira de dar mais ênfase à obra do que à pessoa.

percepção do ser humano como entidade que primordialmente vive e socializa, não um indivíduo que meramente produz riqueza para uma minoria.

Inúmeras mulheres se sentiram furiosas, porque foram incentivadas pelo pensamento feminista a acreditar que encontrariam a libertação no mercado de trabalho. O que mais aconteceu foi se darem conta de que trabalhavam longas jornadas em casa e longas jornadas no emprego. (...) As mulheres estão erradas quando “culpam” o feminismo por ter feito com que tivessem que trabalhar, que é o pensamento de várias delas. A verdade ainda é que o capitalismo consumista foi a força que conduziu mais mulheres ao mercado de trabalho (HOOKS, 2019, p. 83).

A percepção do feminismo sob o prisma no qual a mulher branca mesmo que subjugada pelo patriarcado possui ganhos do racismo estrutural proporcionou novas discussões a respeito do movimento, ao que cabe elencar o feminismo negro, o feminismo lésbico e o feminismo decolonial.

O feminismo decolonial compreende não a percepção identitária da mulher como pautada pela visão eurocêntrica. Entende-se a necessidade de interseccionalismo uma vez que a mulher indígena, negra, quilombola, é lida como incapaz em uma narrativa de colonização que nega vivências e sintetiza dificuldades como as enfrentadas por uma mulher padronizada.

Em um país como o Brasil, no qual há famílias que detém o poder desde tempos de colonização, é necessária a assimilação das mudanças necessárias para que a mulher alvo de políticas não seja apenas a mulher classe média que se encontre em dificuldade financeira ou sofra violência. Há de se pensar na mulher negra que perde seu filho numa abordagem policial, a mulher quilombola que tem a posse da terra questionada por latifundiários, a mulher indígena que se realiza com a maternidade e não deve ter suas crianças tuteladas pelo Estado ou por iniciativas religiosas que descaracterizem a cultura indígena pela evangelização. Entende-se a necessidade de que se construa teoria, instrumento e ação que se paute no protagonismo e vivência da mulher, não a tendo apenas como público-alvo preso a um estereotipo, a exemplo da política adotada pelo governo brasileiro no qual uma ministra vem a público defender que meninos vestem azul e meninas vestem rosa enquanto há trabalho infantil, exploração sexual e abandono parental.

Segundo Liliana Suarez (2008), o feminismo decolonial é uma resposta à necessidade de reconhecer como há perpetuação intelectual de práticas oriundas do pensar colonial, que se mantêm vivas na dinâmica do imperialismo econômico e político ministrado pelo capitalismo neoliberal. Com a globalização, embora haja um viés sobre a queda de barreiras entre nações, a realidade é de pobreza, migração e violência infligida no que outrora foram colônias. Em sua vivência, Suarez aponta como o feminismo dominante não contempla questões como gênero e imigração, por não serem aspectos vivenciados pela classe dominante. Para haver a luta pelos direitos da mulher, faz-se necessária a “descolonização” do feminismo, de modo que a análise seja realizada sem amarras etnocêntricas que inviabilizem o panorama como um todo.

Liliana Suarez (2008) pauta a necessidade de uma análise mais subjetiva por parte de pessoas que são de fato viventes do cenário, sem o amparo de vícios como pautar a mulher como dominada e homem como dominantes, o que resulta na assimilação de um antagonismo que afeta a percepção do todo. Interpreta-se a mulher como um indivíduo explorado que não possui consciência de si. Tal situação faz com que o feminismo seja visto como um novo modo de determinar à mulher o que ela deve almejar, sem necessariamente refletir quais são as necessidades e desejos da mulher. O aspecto decolonial do feminismo é o trabalho por um feminismo que contemple as diversidades culturais e sociais para transformação da vida da mulher do que outrora era considerado Terceiro Mundo, cuja vivência é afetada pelo capitalismo neoliberal.

## 2. Ser uma boa menina

A infância é uma construção recente e burguesa. Ao conceber um período no qual há a necessidade de incutir normas ao indivíduo para então o inserir no exercício da vida social, há a necessidade de ensinamentos passados de forma lúdica para atrair a atenção e garantir a assimilação da mensagem. Robert Darnton, historiador, apresenta a questão da infância no início da idade moderna da seguinte maneira:

Ninguém pensava nelas [crianças] como criaturas inocentes, nem na própria infância como uma fase diferente da vida, claramente distinta da adolescência, da juventude e da fase adulta por estilos especiais de vestir e de se comportar. As crianças trabalhavam junto com os pais quase imediatamente após começarem a caminhar, e ingressavam na força de trabalho adulta como lavradores, criados e aprendizes, logo que chegavam à adolescência (DARNTON, 2014, p. 45).

Os contos em suas versões camponesas conceituam às crianças uma realidade por elas conhecida, com toques de fantasia, para educar sobre preceitos como obediência, temer estranhos, compreender a situação de miséria de famílias numerosas. Ao observarmos contos de fadas em suas versões menos lúdicas e açucaradas, falar de moças que cortam os pés para caber em sapatos de cristal e ainda assim não se tornam princesas dá um senso de justiça sobre elementos como predestinação e sobre mentir não ser uma situação da qual se sai ileso.

Com adaptações ao longo dos anos, Cinderela não teve mais irmãs postiças cortando dedos e calcanhares. Houve uma narrativa na qual a figura da Princesa é uma ode ao ideal feminino e puro: uma jovem prendada, bela, sem ambições, desprovida de muitos amigos – ou se os possui, estes são animais – e que possui por ápice o matrimônio junto ao Príncipe, com a história concluída com um “e viveram felizes para sempre” ou outras variações.

Ao analisar o conjunto de princesas promovido pela Disney, é possível observar as adaptações desempenhadas não somente na qualidade de animação ou enredo, mas na construção das personagens e em como os roteiros são assimilados pela sociedade, uma vez que o conteúdo é amplamente popular para o público infantil. Há a transmutação dos contos de instrumento educativo para o bom convívio no mundo adulto para uma ferramenta lúdica para distração infantil. Se outrora a narrativa compreendia uma

situação que na contemporaneidade seria assimilada a um filme de suspense ou terror, na releitura infantil a narrativa apresenta um final clássico, positivo, e faz propaganda de conceitos e virtudes desejados sobretudo às meninas, público-alvo da franquia de Princesas.

## **2.1 Liberdade cantou: de “O meu príncipe vai chegar” a “Livre estou”**

Os estúdios Walt Disney, divisão da Companhia Walt Disney, foram fundados em 1923, e são responsáveis pela produção de roteiros bem como pelo desenvolvimento de animações, produções teatrais e cinematográficas. A companhia como um todo desperta o imaginário de crianças, dadas as narrativas de contos de fadas, seriados, parques temáticos, animações originais – há uma aura de magia que faz com que a dinâmica de consumo voltada à Disney seja apreciada por crianças e pais, dada a experiência e memória afetiva pelo consumo de produções consideradas clássicas, como O Rei Leão, por exemplo.

Dentre os produtos comercializados pela Disney, há a franquia Princesas Disney, que corresponde ao conjunto de personagens femininas pertencentes a filmes distintos: Branca de Neve, Cinderela, A Pequena Sereia, dentre outras obras. Em que pese haver outros filmes com personagens femininas populares, a exemplo de Alice de “Alice no País das Maravilhas” (1951), o recorte de personagens prevê o *status* de realeza (à exceção de Mulan) por nascimento ou casamento, bem como a posse de direitos de imagem pela empresa – o que excluiu a princesa Giselle, do filme “Encantada” (2007), uma vez que esta além de contemplar a animação também assimilava a atuação da atriz Amy Adams.

Ao realizar a análise do enredo apresentado na construção de personagens da franquia Princesas Disney, além da releitura de contos de fadas é possível observar a construção da feminilidade em personagens que serão referência ao público infantil. A primeira princesa criada pelos estúdios de Walt Disney foi a Branca de Neve, trazida em uma inovadora animação colorida no ano de 1937. A narrativa vem de um conto compilado pelos irmãos Grimm, publicado em 1812, e trata de uma jovem que perde o pai e fica aos cuidados de uma madrasta, sendo esta apresentada como uma mulher

com atributos sensuais e envolvida com ocultismo. Ao passar dos anos, não há o desenvolvimento de um laço afetivo entre as envolvidas. Quando Branca de Neve se torna uma ameaça ao título da madrasta como mais bela, a madrasta decide não somente encomendar o assassinato de sua enteada como também demanda que lhe seja trazido o coração para comprovar que a moça estava de fato morta. Nota-se a questão de ameaça ser algo totalmente subjetivo. Branca de Neve ser mais bela que a madrasta não consolidaria nenhuma mudança no poder e nas posses que esta já possuía.

Branca de Neve, por sua vez, é caracterizada como uma jovem que realiza atividades domésticas e apenas aguarda alguma mudança em sua vida, sem ter uma ação determinada para alterar sua realidade. A madrasta é refém do que a escritora Naomi Wolf (2018) qualifica como “o Mito da Beleza”, a atribuição de valor à mulher conforme ela se qualifica nos atributos físicos considerados belos, o que incita uma competição da qual os homens tomam vantagem, uma vez que estão livres de uma avaliação semelhante.

As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. O mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência. A competição entre mulheres foi incorporada ao mito para promover a divisão entre elas.(...) E o que é mais instigante, nossa identidade deve ter como base nossa “beleza”, de tal forma que permaneçamos vulneráveis À aprovação externa, trazendo nossa autoestima, esse órgão sensível e vital, exposto a todos (WOLF, 2019, p. 31).

A ameaça da beleza da juventude compromete o bem estar das mulheres mais velhas, pois a valorização tem a ver não apenas com estética, mas com conceitos apreciados pelo homem. Uma mulher jovem implica a inexperiência, a ingenuidade, de modo que poderá ser “moldada” por quem vier a ser seu parceiro. Uma mulher mais velha significa alguém com experiência, que pode ter posses e influência, o que inibe ao seu parceiro eventual domínio – a menos que esta se sinta vulnerável com a própria estética, uma vez que o tempo não é algo que possa ser contornado.

Com a polarização entre madrasta e enteada, a primeira decide pelo assassinato de sua rival, ao que se desdobra a história, que é concluída mediante a morte da

madrasta e a união de Branca de Neve ao Príncipe – elemento masculino trabalhado sem grandes premissas fora aspecto estético e título de nobreza.

[Branca de Neve]

O sonho, que eu sonhei pode acontecer  
O castelo que eu imaginei e metade de ti eu terei  
O meu eterno amor um dia eu encontrarei  
E feliz eu irei viver com esse amor  
O sonho que sempre sonhei.<sup>12</sup>

A narrativa proporciona um cenário no qual há ausência de personagens femininas fora a figura de “Branca de Neve” e a “Rainha Má”, rivais por questão da valorização da beleza pela última.

Dado o fracasso em eliminar sua rival, a Rainha Má elabora novo plano no qual uma maçã envenenada imobilizará Branca de Neve, o que a levará a ser enterrada viva, a menos que receba um beijo de amor. O projeto é desempenhado com sucesso – contudo a Rainha Má perece no processo, enquanto Branca de Neve é alocada em um esquife transparente que não é enterrado, dada a valorização da beleza. Quanto ao príncipe, não há um diálogo efetivo deste com Branca de Neve, no entanto isso não inibe que ele se aproxime do corpo desfalecido dela e a beije – o que quebra o feitiço, que ele não sabia existir. A posse do corpo feminino não é de sua dona, uma vez que ações a ele voltadas são fruto da valorização masculina, sendo Branca de Neve refém de sua beleza.

A animação seguinte trata de Cinderela, sendo a narrativa mais conhecida a de Charles Perrault, datada de 1967. A jovem que sofre nas mãos da madrasta desempenha arduamente as atividades domésticas e com a ajuda de uma fada madrinha consegue atender ao baile real, onde conhece o príncipe, perde um sapato de cristal e posteriormente se casa quando o príncipe mobiliza o reino atrás da dona do sapato esquecido. A versão dos irmãos Grimm, por sua vez, compreende tentativa das filhas da madrasta de usurpar o final feliz de Cinderela – como o sapato não serve, cortam calcanhar e dedo para tentar enganar, porém a farsa é descoberta. Na versão da Disney,

---

12 Letra de “O meu príncipe vai chegar”, música integrante da animação “Branca de Neve e os sete anões”. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/disney/branca-de-neve-e-os-sete-anoes-o-meu-principe-vai-chegar.htm>>. Acesso em: 09 set. 2020.



Cinderela conta não somente com o apoio da fada madrinha, mas também de animais que apresentam uma sensibilidade humana para auxiliá-la.

A animação em sequência, *A Bela Adormecida* (1959) também narra um conto de Charles Perrault e compilado pelos irmãos Grimm. Se considerar a versão de Giambattista Basile, de 1634, consta a narrativa de uma jovem que entra em sono profundo por conta de um espinho, é estuprada ao ser encontrada por um rei e acorda quando um dos filhos – frutos do estupro – suga seu dedo e retira o espinho. Algo totalmente diferente de uma maldição na qual o despertar se dá por um “beijo de amor verdadeiro”. A versão da Disney apresenta uma jovem bela, que mora em uma floresta sem convívio com demais pessoas além de três senhoras que são suas tutoras, a fim de evitar que se cumpra uma maldição – o que é inevitável, uma vez ser necessária para a continuidade da história. O príncipe é introduzido inicialmente como o desconhecido com quem a jovem dança e fantasia sobre amor. Novamente, a figura de vilã é desempenhada por uma mulher envolta com ocultismo e que não possui nada a ganhar com a miséria da protagonista, sendo sua atuação pautada por orgulho ferido.

Pode-se observar uma recorrência na narrativa da Disney até o início do século XXI, a saber: jovens belas são alçadas à condição de realeza, se não por nascimento, por casamento, com antagonismo majoritário de mulheres envolvidas com ocultismo que não possuem um ganho real nas ações desempenhadas contra as protagonistas, contudo estão dispostas a confrontá-las para a manutenção de um poder ou um *status* puramente subjetivo. A figura da princesa apresentada ao público corresponde a mulheres jovens, bonitas, sem maldade ou qualquer reação tempestuosa, desenvoltas nos afazeres domésticos e que são recompensadas mediante a conquista de um amor.

Há uma supervalorização do amor romântico que resulta também em esforço da protagonista para alçar o alvo de seu afeto. Em *A Pequena Sereia*, Ariel, jovem sereia que possuía *status* em sua comunidade, troca a voz por pernas a fim de encontrar o jovem que ela salvou de um naufrágio – sendo o jovem em questão um príncipe. Ao realizar a transação, consta o diálogo entre Ariel e Úrsula – outra antagonista feminina envolta com magia.

[Ariel]

Mas sem minha voz

Como posso?

[Úrsula]

Terá sua aparência!

Seu belo rosto!

E não subestime a importância da

Linguagem do corpo

O homem abomina tagarelas

Garota caladinha ele adora

Se a mulher ficar falando

O dia inteiro e fofocando

O homem se zanga, diz adeus e vai embora

Não!

Não vá querer jogar conversa fora

Que os homens fazem tudo pra evitar

Sabe quem é mais querida?

É a garota retraída!

E só as bem quietinhas vão casar!

É hora de resolver

O negócio entre nós

Eu sou muito ocupada

E não tenho o dia inteiro

O meu preço?

É sua voz!<sup>13</sup>

A valorização do silenciamento feminino é aliada ao discurso de competição entre mulheres dada a projeção social por meio do matrimônio e a incitação de valorização da aparência em detrimento de conteúdo, uma vez que não haveria mais voz para se expressar. Pode-se retomar o conceito do silenciamento apresentando por

---

13 Trecho de Corações Infelizes, música integrante da animação A Pequena Sereia. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/a-pequena-sereia/265703/>>. Acesso em: 25 out. 2020.

Orlandi (2011), ao interpretar o silêncio não como apenas a ausência de palavras, mas como a censura implementada para a permanência de um discurso. No caso de Ariel, seu silenciamento é o não reconhecimento de que ela foi a pessoa que salvou o príncipe de um afogamento. É tomada da personagem a ferramenta para expressar uma realidade enquanto se insinua que basta à mulher um “belo rosto” para despertar o interesse amoroso de um homem, independente dela ter maiores qualidades.

A situação se repete em outras tantas narrativas, ao que há contraste na animação Valente (2012), na qual a abordagem é voltada não ao amor romântico, mas ao amor materno e filial. Contudo, a quebra de paradigma ocorre com a animação *Frozen* (2013). Em que pese a história não seguir o conto original – algo que é recorrente aos contos de fadas narrados pela Disney, dada a necessidade de adequação ao público infantil – é apresentado um filme povoado por princesa no qual o ápice da realização da mulher não é o casamento. Além de trazer frases que questionam o casamento com um estranho, algo comum às princesas da Disney, o amor verdadeiro apresentado é o amor entre irmãs. Houve críticas da narrativa ser uma tentativa de aproximação ao feminismo, bem como interpretações na qual Elsa é lida como homossexual ao não buscar o casamento e cantar sobre estar livre e não mais precisar fugir ou ser uma boa menina. Há ações representativas em *Frozen* – a fala de Elsa: “Você não pode se casar com um homem que acabou de conhecer” contrasta com o histórico matrimonial das princesas Disney, a coroação de Elsa ocorre sem questionamentos sobre a ausência de um consorte e o amor verdadeiro que resolve a angústia não é manifesto por um beijo, mas por um ato de sororidade. Ao verificar a música tema, não há menção a um amor ou sentimento de não pertencimento, temáticas trabalhadas em outras animações. Há um eu lírico que compreende ter até então exercido o papel de “boa menina”, mas que agora está livre do medo que a controlava.

[Elsa]

(...)

A tempestade vem chegando e já não sei  
Não consegui conter, bem que eu tentei

Não podem vir, não podem ver  
Sempre a boa menina deve ser  
Encobrir, não sentir, nunca saberão  
Mas agora vão

Livre estou, livre estou  
Não posso mais segurar  
Livre estou, livre estou  
Eu saí pra não voltar  
Não me importa o que vão falar  
Tempestade vem  
O frio não vai mesmo me incomodar

De longe tudo muda  
Parece ser bem menor  
Os medos que me controlavam  
Não vejo ao meu redor

É hora de experimentar  
Os meus limites vou testar  
A liberdade veio enfim  
Pra mim<sup>14</sup>

Para compreensão, Elsa possui controle sobre neve e gelo. A situação foi descoberta na infância e, a fim de evitar acidentes, ela é educada para não manifestar o dom, de modo a se manter reclusa, utilizar luvas e ter uma postura reservada, o que leva a uma infância e adolescência de solidão. A canção é apresentada em seguida ao momento em que se revela ao público sua condição de poder sob o elemento da água de modo a produzir gelo e neve. Ao ser considerada uma ameaça, Elsa foge, porém vê neste retiro a oportunidade de ser quem realmente é, sem ter que se preocupar em desempenhar uma vivência que a mantém refém de aparências.

Pode-se entender que o movimento na Disney é da construção de princesa que se basta, não consolida a própria narrativa mediante matrimônio, bem como há a necessidade da empresa se adaptar a um público que começa a questionar a perpetuação de construções que moldam a mulher para abdicar de funções de protagonismo para edificar a figura de companheira. Resta saber se a empresa possui crença na autodeterminação feminina livre da tutela amorosa de um homem ou se há apenas um direcionamento ao que o público esclarecido demanda de exemplo para que suas filhas tenham autonomia na vida com foco em seu desenvolvimento independente de um relacionamento amoroso.

---

14 Livre Estou. Canção parte da animação Frozen. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/frozen/livre-estou/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

## 2.2 Escola de princesas e o condicionamento infantil

Em 2013 foi inaugurada em Uberlândia, Minas Gerais, a Escola de Princesas. Com o mote “todo sonho de menina é tornar-se uma princesa”, a instituição – fundada pela psicopedagoga Nathalia de Mesquita – apresenta cursos que compreendem a faixa etária de 4 a 15 anos, com abordagem de conteúdo sobre moral, princípios, biografia de princesas reais e fictícias, relacionamentos, etiqueta, higiene, estética, limpeza, educação financeira – voltada a orçamento e compras, sem destaque para investimentos. Há também pautas sobre valores e princípios morais do matrimônio e “a espera de um príncipe”, que consiste na orientação sexual para castidade.

Figura 3 - Página inicial da Escola de Princesas.



Fonte: <<http://escoladeprincesas.net>>. Acesso em: 30 out. 2020.

A escola tornou-se uma franquia, com abertura de unidade em São Paulo em 2016, e curiosamente não possui uma versão voltada aos meninos, o que é intrigante uma vez que sinaliza às princesas a promessa de um dia encontrarem um príncipe e não consta um empenho igual na construção deste. As premissas apontadas em entrevista ao jornal Estadão:

A mãe de uma das alunas, a pedagoga Lidiane de Melo Nicurgo, acredita que há um "movimento de mulheres que querem direitos iguais", mas ela acredita em

"papéis diferentes". Isso porque, mesmo "em tempos em que a mulher trabalha fora", ela ainda tem que "desenvolver em casa outras funções, ela [a mulher] tem a maternidade, a função de parceira do trabalho, tem etiqueta, roupa de cama, comida para fazer em casa". Lidiane acredita que a escola contribui para que sua filha "divida essas tarefas de forma mais leve" com o parceiro (FREITAS, 2016).

A premissa de que a filha partilhe afazeres domésticos com um parceiro leva à reflexão sobre a ausência de uma metodologia de ensino que contribua para que homens "dividam" as tarefas domésticas de fato, uma vez que a socialização masculina ainda é pautada na divisão de esferas, com o feminino voltado ao lar e o masculino voltado ao mundo exterior.

Dado o sucesso da figura das princesas na sociabilização infantil de meninas, a antropóloga Michele Escoura Bueno (2012) realizou estudo para compreender as performances de gênero em crianças. Inicialmente curiosa sobre como uma princesa lançada há mais de 50 anos ainda fazia sucesso com crianças, Bueno desenvolveu pesquisa que mostrou a assimilação de valores inicialmente pela criança como consumidora. Ao ter contato com materiais das Princesas, havia o interesse em assistir aos filmes. Ao assistir aos filmes, havia o desejo das crianças de se identificar com as protagonistas. A etnografia mostrou como o amor conjugal é apresentado às crianças como sinal de sucesso, conforme o estudo comparativo entre Cinderela e Mulan mostrou a preferência pela princesa que se veste "como mulher", usa maquiagem e se casa, em detrimento da jovem que vai à guerra para honrar sua família, passa-se por homem e salva a China. Há também uma questão apontada: o consumo infantil promove nas crianças a mesma influência que dá aos adultos, contudo mais intensa, uma vez a criança ter uma vivência de fantasia. Um brinquedo é transformado em um item excludente de gênero de acordo com a cor. Na experiência de Bueno, um tobogã que fosse identificado como "da Barbie" fazia com que os meninos não mais se interessassem pelo brinquedo, havendo o mesmo resultado quando o ato de brincar pega-pega virava brincar de "Ben 10": as meninas não participavam.

A segregação do brincar por gênero inibe um desenvolvimento pleno do indivíduo. Embora haja aspectos positivos na figura da princesa, restringir meninas a uma vivência pautada em princípios que excluam oportunidades de desenvolver motricidade e pensamento espacial, algo disponível em jogos de blocos e carrinhos,

impede que se desenvolva toda potencialidade. Da mesma forma ridicularizar meninos que brincam com boneca possibilita aos homens a perspectiva equivocada de que não podem exercer cuidado com crianças.

### 2.3 Culto das Princesas

A fama das princesas transcende a idade. Com a premissa de que Deus é Rei portanto suas filhas são princesas, a pastora brasileira Sarah Sheeva iniciou uma série de cultos denominados “Culto das Princesas”, em que ela educa mulheres sobre “Como deixar de ser cachorra, se tornar uma Princesa, e receber o amor que você merece”, vide imagem a seguir.

Figura 4 - Reprodução da página de inscrição para o Culto das Princesas



Fonte: <<https://sarahsheeva.kpages.online/cultodasprincesas>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

A premissa do movimento religioso consiste na restauração da autoestima feminina, mediante a partilha de orientações para que relacionamentos sejam castos, mulheres se atentem às vestimentas, atitudes e na escolha de homem para relacionamento.

Em 2011, a Folha de São Paulo cobriu o primeiro Culto das Princesas. “O culto das princesas visa mudar o coração de uma mulher que tá totalmente mendiga emocional, aceitando qualquer porcaria, mulher fácil para uma mulher nobre, que se

valoriza, que sabe colocar limite”, diz Sarah Sheeva<sup>15</sup>. Nas cenas seguintes, também são apresentados testemunhos que convergem na valorização da castidade, na distinção entre princesas e cachorras, no sexo como mandatório uma vez casada. Um fato pode ser apontado neste culto voltado às solteiras: não há grande manifesto sobre o papel maternal da mulher. No conteúdo disponibilizado no canal do *YouTube* de Sarah Sheeva sob título “Uma ‘palhinha’ do Culto das Princesas”<sup>16</sup>, há críticas sobre a amizade entre uma mulher casada e homem: “meu amigo é meu pai e meu marido”. Também se fala sobre obrigações: antes do casamento a mulher é obrigada a obedecer somente a Jesus e seu pai, caso esteja sob autoridade dele. Entretanto, após o matrimônio, há obrigações a serem cumpridas perante o marido. Sarah Sheeva trata das obrigações masculinas como piores que as femininas, pois cabe ao homem a obrigação do sustento da casa e de cuidar da mulher. À mulher, depois de se casar, “toda vez que ele quiser, você é obrigada a comparecer”. Tal situação é emblemática, uma vez que indica à mulher a obrigação de fazer sexo com homem por ele ser seu esposo e não por haver concordância no ato, o que explica a dificuldade de mulheres se entenderem como vítimas de estupro marital.

Também em 2011 ocorreu em Indaial, Santa Catarina, um caso de interpretação da obrigação da mulher ao ato sexual. Após socar a companheira em público por suspeitar de traição, o homem a arrastou para casa, continuou com as agressões físicas, ameaçou com uma faca e desempenhou sexo vaginal e anal, logo em seguida forçando a esposa a praticar sexo oral. Após concluir o ato, forçou também a ingestão de fezes pela parceira. De acordo com conteúdo reproduzido pelo portal Catarinas, o perito médico apontou “hematomas nas regiões dos olhos, braços, costas, mandíbula, além de inchaço próximo aos olhos, sangramento vaginal e feridas na mucosa do ânus”. O final do processo foi em 2018, com os crimes de lesão corporal e ameaça prescritos, mas não com o crime de estupro. Na apelação apresentada pelo indivíduo havia demanda pela

---

15 Pra. Sarah Sheeva – 1º culto das princesas em SP – Folha.com – 10 nov. 2011. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=4dsc3EsO\\_mk](https://www.youtube.com/watch?v=4dsc3EsO_mk)>. Acesso em: 17 out. 2020.

16 Uma “palhinha” do Culto das Princesas @Sarah Sheeva. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=INbtNTJ\\_qYQ](https://www.youtube.com/watch?v=INbtNTJ_qYQ)>. Acesso em: 17 out. 2020.



absolvição do crime de estupro, pois “A relação havida é sempre consentida entre casais, não há que ser dada outra interpretação”<sup>17</sup>.

Ao instituir a crença de que seu corpo pertence ao marido, há a assimilação por parte dos homens de que realmente existem deveres conjugais que não sejam o respeito e cuidado ao próximo. Com o discurso persuasivo de líderes religiosos e a cultura de culpa cristã, há ambiente no qual a violência prospera dada a cultura de silêncio e o que a pesquisadora, teóloga e pedagoga Valéria Cristina Vilhena caracteriza como ideologia do perdão.

A força teológica nos sermões e dos conselhos pastorais sobre o papel da mulher na família, sobre o seu não direito ao seu próprio corpo, a culpa de Eva transferida a todas as mulheres, pois por Eva o pecado entrou no mundo e assim tudo passou a ficar perdido, a exigência de fidelidade conjugal, nem sempre cobrada com a mesma ênfase a seus maridos, a doutrina da ‘endemonização’, o cuidado da casa e dos filhos, a manutenção da harmonia do lar, a paciência, o sacrifício, a abnegação e a tolerância como atributos femininos pesam sobre as mulheres no decorrer de séculos de história (VILHENA, 2011, p. 147).

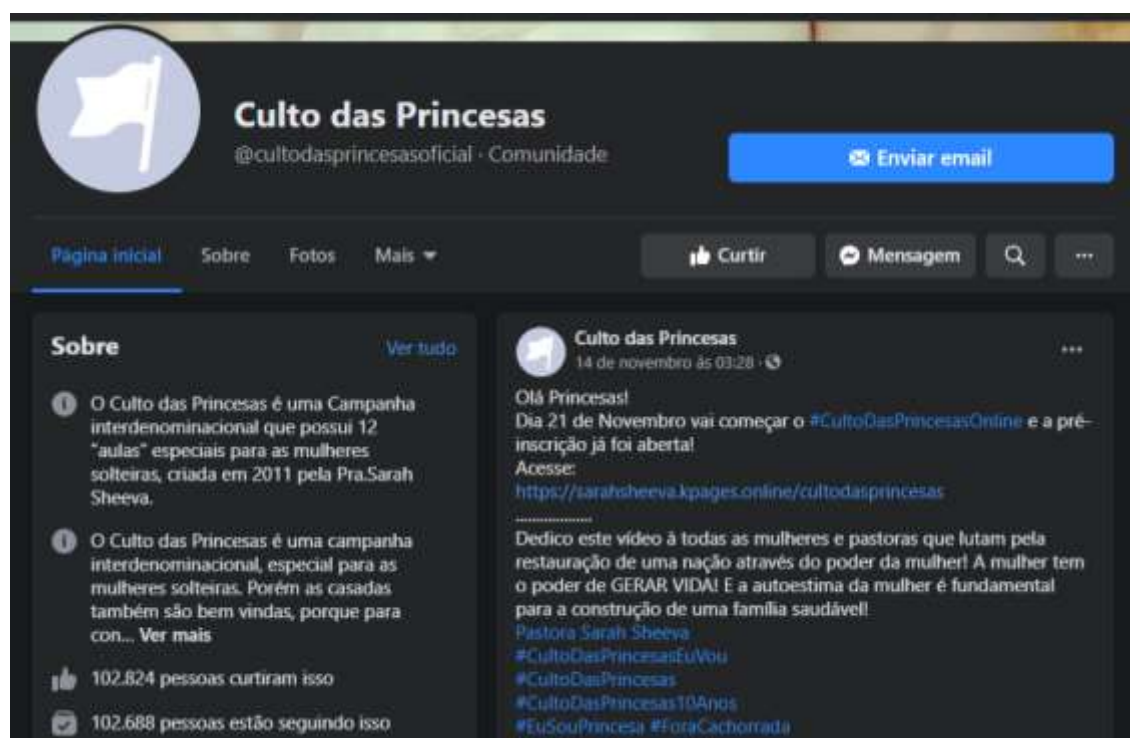
Ao notar uma presença de mulheres evangélicas em número superior na Casa Sofia, instituição que auxilia vítimas de violência doméstica, Vilhena observou como os princípios religiosos são utilizados como ferramenta de coerção para o silenciamento da mulher. Há a assimilação de que à mulher cabe ter fé em Deus, algo que se ressalta conforme a pesquisadora apresenta o caso de Noemi, que ao partilhar com seu pastor a situação de violência que vivenciava foi aconselhada a ter fé em Deus e paciência, pois “Deus tarda mas não falha”. Noemi à época possuía 69 anos de idade, 50 anos de casada e 30 anos de vivência evangélica.

O Culto das Princesas possui uma página no Facebook com 102.824 curtidas e 102.688 seguidores. A postagem mais recente data de novembro de 2020, na qual é informado o início do culto para 21 de novembro de 2020. A ausência de postagens ao longo de 2020 pode ser explicada pela situação de pandemia do coronavírus, o que ocasionou no fechamento de locais de aglomeração – o que inclui igrejas.

---

17 Tribunal de Justiça de Santa Catarina TJ-SC – Apelação Criminal: APR 0004085-10.2011.8.24.0031 Indaial 0004085-10.2011.8.24.0031 - Inteiro Teor. Disponível em: <<https://tj-sc.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/617935088/apelacao-criminal-apr-40851020118240031-indaial-0004085-1020118240031/inteiro-teor-617935181>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

Figura 5 - Imagem da fanpage do Culto das Princesas no Facebook.



Fonte: <<https://www.facebook.com/cultodasprincesasoficial>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

O Culto dos Príncipes também possui uma página no Facebook, com 5.509 curtidas e 5.598 seguidores. A apresentação é de que “Chegou a vez dos homens lutarem contra o espírito de ‘cachorrice’!”

Figura 6 - Imagem da fanpage do Culto dos Príncipes no Facebook



Fonte: <<https://www.facebook.com/Culto-dos-Pr%C3%ADncipes-239041359542501/>>  
Acesso em: 23 nov. 2020.

A postagem mais recente data de fevereiro de 2013, na qual há o convite para direcionamento à página “Conferência Príncipes e Princesas” que possuía 20.782 curtidas e 20.762 seguidores em 23 de novembro de 2020.

Figura 7- Página da Conferência Príncipes e Princesas no Facebook



Fonte: <<https://www.facebook.com/ConferenciaPrincipesEPrincesas>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

A postagem mais recente data de novembro de 2019, com reprodução de conteúdo postado também na página Culto das Princesas.

Aparentemente, há um empenho maior às mulheres se tornarem princesas do que aos homens se tornarem príncipes, bem como maior interesse da mulher em se moldar para se sentir “apta” à felicidade com um príncipe do que motivação do homem em se ajustar para encontrar a sua princesa.

### 3. Bela, Recatada e do Lar

Em 2016 a revista VEJA, por meio da jornalista Juliana Linhares, proporcionou um exemplo de estudo sobre a construção narrativa da mulher como bem privado de um homem público. Marcela Temer, esposa do então presidente Michel Temer, foi apresentada como uma mulher de sorte. São elencadas em seguida narrativas de um jantar romântico, um episódio no qual houve suspeita de gravidez, férias que não aconteceram porque Michel Temer não quis expor a família, como Marcela se porta ao frequentar um salão de beleza, sua preferência por vestido midi em cor clara. A reportagem é concluída com um poema de Michel Temer, que é considerado um homem de sorte.

Não há reprodução de uma fala que seja de Marcela Temer apesar da matéria ser sobre ela. Marcela é uma entidade idealizada, uma mulher na qual se sustentou uma propaganda sobre qualidades desejadas – e demandadas – pela sociedade patriarcal. Marcela é interpretada como uma mulher da qual se pode louvar a beleza, a submissão, contudo o debate se inicia quando em uma mulher se observam apenas tais itens como qualidades. Bela, recatada e do lar remete ao conceito da mulher como item decorativo e de presença restrita ao ambiente doméstico.

A construção do arquétipo feminino louvado pela ala tradicional honra padrões demandados pelo imaginário masculino. Busca-se por mulher ideal a que seja bonita, não ofusque seu parceiro e permaneça no lar para satisfazer as demandas domésticas, educacionais e possa ser ostentada aos demais.

O desejo por uma mulher como posse proporciona o sentimento de misoginia que resulta em ações de discriminação e violência, a exemplo dos discursos de *incels*, por exemplo. *Incel* é uma nomenclatura que surgiu no ambiente virtual para homem heterossexual que exerce o “celibato involuntário”, pois a abstinência de sexo ocorre não por seu desejo, mas por não haver parceiras sexuais pelo simples fato de que mulheres não são obrigadas. Com a ausência de sua satisfação sexual ou reconhecimento como o homem que ele acredita ser, o indivíduo concentra sua frustração em ações de ódio a mulheres, que podem variar de agressões virtuais a ações de violência física, por exemplo feminicídios.

Há um estímulo ao homem que fomenta o senso comum de que a ele é destinado a uma companheira, que irá satisfazer suas necessidades de modo a assegurar ao homem a sensação de ser um rei em seu castelo. Quando essa demanda se instala no imaginário da sociedade, ações de violência contra a mulher, não raro, são justificadas sob a ótica de que algo ela deva ter feito para ter resultado num determinado cenário. Há a elaboração do conceito de crime de honra, crime passionai, como se o fato do autor ter sentimentos pela vítima tornasse a situação mais amena.

Para a mulher, resta a dualidade entre desenvolver auto estima e ter protagonismo enquanto a mensagem que lhe é passada desde infância é de que meninas não correm, meninas não gritam, meninas devem ser agradáveis. O sentimento de culpa outorgado culturalmente desde a criação de Eva e a crença de que cabe à mulher se dedicar ao relacionamento faz com que mulheres se sujeitem a relacionamentos violentos com o questionamento sobre o que podem fazer para que haja salvação, sem de fato terem o sentimento de que não há derrota no término de um relacionamento ruim.

O que se espera é que sejam belas, recatadas e, preferencialmente, do lar.

### **3.1 Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas**

A busca para agradar faz com que mentorias sejam ofertadas para “corrigir” mulheres a fim de que elas alcancem a felicidade. Uma psicoterapia seria o ambiente correto para adequar afetos, alçar saúde mental, ter autoconhecimento para realizar tomadas de decisão de modo mais consciente e com foco no bem estar próprio. Entretanto, não sendo a prática acessível para todos, há quem se volte para mentorias e processos de *coach* como caminho para sanar questões não resolvidas, sendo o ponto focal utilizado no relacionamento.

A exemplo do evidenciado no “Culto das Princesas”, a prática por elaborar um perfil a ser seguido pela mulher não se prende a uma linha evangélica em específico, mas se mantém em outras religiões.

Em postagens veiculadas no *Instagram* da mentora Jaqueline Bastos há conteúdo que evidencia a cultura de silenciamento velada na ideologia de que a mulher possui um determinado papel a cumprir e qualquer modificação a invalida. Com a

imagem de uma mulher com mãos em seu rosto e em sua cabeça, numa sensação de exasperação, há a reprodução de um texto que reforça o discurso sobre os “erros” que uma mulher comete ao ser vaidosa demais, não ser vaidosa o suficiente, ter interesse por assuntos tidos como masculinos, não “entender que a mulher traz beleza ao mundo, ela orna sua casa, seu trabalho, seus relacionamentos de doçura, singeleza, empatia, pureza e maturidade”, nas palavras da autora, conforme imagem a seguir.

Figura 8 - Reprodução de imagem postada no Instagram da mentora Jaqueline Bastos.



Fonte: <[https://www.instagram.com/p/B67\\_BY-pOpT/](https://www.instagram.com/p/B67_BY-pOpT/)>.  
Acesso em: 20 jan. 2020.

Última retrospectiva de 2019!  
Perder a nossa essência feminina nos tira da ordem natural.

O que vem acontecendo conosco durante a nossa vida, nos desvia da nossa feminilidade, de acordo com as nossas más inclinações.

Algumas de nós permanece [sic] no estado infantilizado e vitimizado, onde não assumimos as responsabilidades, culpamos aos outros por tudo que acontece na nossa história, seja bom ou ruim.

Outras ainda se deixaram levar pela valorização demasiada do seu corpo, acha [sic] que, seus maiores atributos está [sic] na sua imagem. E, mesmo em

pequenos gestos, faz de tudo para chamar atenção. Suas roupas, maquiagem, voz, tudo focou na sensualidade e sexualidade desenfreada. Então ela exala vulgaridade.

Há aquelas que tomaram o rumo do desleixo. Não se cuidam, não se acham merecedoras de fazer um cabelo, unha, roupas, etc. Um certo escrúpulo ronda esta mulher que se distanciou do belo que remete à [sic] Deus. E aí ela não encontra tempo nem motivação para se cuidar e então ao seu redor, tudo é sujeira, desleixo.

E por fim, tão comum nos nossos dias, a mulher se torna um homem. Neste movimento, seu andar é masculino, seu tom de voz é masculino, suas roupas, os assuntos que ela aborda, tudo remete a um homem.

É preciso resgatar a nossa feminilidade genuína e bela. É preciso entender que a mulher traz beleza ao mundo, elaorna sua casa, seu trabalho, seus relacionamentos de doçura, singeleza, empatia, pureza e maturidade.

Isso é canal de cura para muitos! Uma mulher feminina nos leva ao céu em seus gestos, palavras, roupas, olhar.

Por isso é tão necessário nos conhecermos, nos corrigirmos, e florescermos para fora.

Saibamos hoje reconhecer onde nos perdemos e começar o caminho de volta!

Agora te pergunto: Qual deles você se perdeu [sic]? Que tal fazer o caminho de volta?

Vamos juntas? <sup>18</sup>

O discurso exercido na postagem do *Instagram* foca no estético ao afirmar que “a mulher traz beleza ao mundo, elaorna sua casa”, de maneira a reavivar o mito da beleza conforme apontado por Wolf (2018), ao mesmo tempo em que se apresenta o belo como um indicativo do divino. Em contraste, há a alegação de que a mulher contemporânea é masculinizada ou tomou rumo do desleixo ao não se considerar “merecedora de fazer um cabelo”. Tal cenário remonta ao apontamento de Scharff (2019) sobre a dificuldade de se ver como feminista ao atribuir a este rótulo uma imagem que causa repúdio à mulher, seja pela ausência de vaidade e cuidados pessoais, seja pela ideia de que valorizar a mulher implica em desejar subjugar o homem. Em imagem a seguir consta uma foto na qual a mentora Jaqueline Bastos é apresentada como maior em relação a seu esposo, graças a um truque fotográfico.

---

18 Jaqueline Bastos Mentora. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/B67\\_BY-pOpT/](https://www.instagram.com/p/B67_BY-pOpT/)>. Acesso em: 20 jan. 2020.



Figura 9 - Reprodução de conteúdo do Instagram da mentora Jaqueline Bastos.



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CHKz-IXpHBZ/>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

Há mulher que acha legal estar superior ao homem, em pé de guerra, competindo, buscando o lugar dele.

Infelizmente uma das coisas que a gente mais aprendeu de errado é que, pra ser feminina, eu preciso pisar no homem. Que ele precisa saber que quem manda sou eu, que não devo satisfação de nada, que tenho meu próprio dinheiro, que dou conta sozinha, que sou forte o suficiente.

O problema de tudo isso é que, ao ocuparmos este espaço competitivo, perdemos o de mais belo: a complementaridade do feminino com o masculino.

Resultado: frustração, cansaço físico e principalmente emocional, esgotamento espiritual e para muitas, uma vida sem sentido já que não podem contar com a força (sic) que vem do masculino no marido, irmão, chefe etc.

Não é só no casamento que essa relação tá desequilibrada. A sociedade inteira está vivendo essa crise. E temos presenciado um monte de mulheres machos e homens frouxos. Pior é que por trás dessa capa, temos mulheres feridas e decepcionadas e homens violentos que acham que todo mundo é seu objeto...

Precisamos voltar ao nosso lugar! A sociedade precisa de mulheres MULHERES, dóceis, amáveis, vulneráveis que olham pro outro e pra vida com olhar feminino e trazer de volta dentro de si a leveza de estar feliz sendo "mulherzinha".

Eu trilho este caminho todo dia. Cansei de ser fortuna e poderosa. Quero aconchego, suavidade, doçura.

E você? Vamos juntas?<sup>19</sup>

O texto apresentado junto à foto possui apontamentos que determinam um feminino como correto. O esgotamento da mulher não é explicado pela carga mental imposta ao não haver divisão de atividades domésticas, pressão por uma estética que requer tempo e recursos financeiros ou a discrepância do estilo de vida que se prega como ideal e a realidade de uma rotina de um assalariado. Bastos entende que é a ausência do homem que ocasiona o sofrimento da mulher. Há um pleito para que a mulher retorne a um lugar em específico no qual ser mulher é ser amável, dócil, vulnerável. Tal demanda compactua com o raciocínio estabelecido por Bastos de que a mulher enfraquece o homem ao ocupar o lugar “dele”, o que por sua vez explicaria a violência masculina de tratar pessoas como objetos. Curiosamente, ao se observar a dinâmica de relacionamentos que tiveram um término violento, o ponto comum foi a violência ser crescente dado o desejo da mulher em acolher este homem, proporcionar uma nova chance, ser orientada por pessoas que formam sua opinião – pastores, padres, amizades, parentes. No estudo promovido por Analba Brazão Teixeira (2009) para a obra “Nunca você sem mim” houve foco nas relações afetivo-conjugais que terminaram em homicídio seguido de suicídio. Ao avaliar o perfil das vítimas retratadas, sendo apenas um do sexo masculino, as mulheres vítimas de seus companheiros apresentadas – Cris, Suzana, Leila e Sílvia – são retratadas com personas que divergem da premissa de que a violência se instaura dado a mulher não corresponder ao perfil almejado.

O primeiro caso abordado é de Cris, morta por César. Cris era de família católica e frequentava grupos de jovens católicos. Seu sonho era se casar, o que converge aos preceitos pregados por Bastos. Ao se graduar em Enfermagem, mudou de cidade para conseguir emprego. Seu companheiro, então namorado, não partilhava do mesmo desejo de matrimônio, contudo, dava demonstrações de ciúmes e conseguiu convencer a jovem a retornar para a cidade natal. Posteriormente se casaram, desenvolveram carreiras, porém as escolhas do marido resultaram em problemas financeiros que ocasionaram a perda da casa e dívidas. Foi necessário que Cris trabalhasse em três

---

19 Jaqueline Bastos Mentora. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CHKz-IXpHBZ/>. Acesso em 05 nov 2020.

hospitais para conseguir arcar com as despesas domésticas e as dívidas de César. Ele, por sua vez passou a seguir Cris, ir aos hospitais para confirmar que ela estava de serviço, realizar ligações para questionar onde ela estava e em qual companhia. Em momento prévio ao crime César chegou a falar para a avó de Cris que se fosse traído mataria Cris e posteriormente se mataria, ao que pediu para que a avó autorizasse que fossem enterrados juntos. Nem morta Cris estaria livre dele.

Cris havia comentado anteriormente com o pai o desejo de se separar, uma vez que os ciúmes de César afetavam seu bem estar e o relacionamento familiar, porém o pai a aconselhou a não fazer isso. César matou Cris com um tiro na nuca enquanto ela dormia, depois se suicidou. Ele deixou uma carta endereçada ao pai, na qual explicava que a situação aconteceu porque não tinha condições de dar a Cris a vida que ela merecia, uma vez que ele como homem deveria ser o provedor. Há também o relato de que Cris o havia traído, algo nunca comprovado e totalmente desacreditado pela família.

Nos cenários de homicidas-suicidas em que o homem desempenhou violência é possível verificar que, ao contrário do que se pauta no exemplo dado pela mentoria “Caminho do Florescer”, a causa do “homem violento” não foi a “mulher macho” ou a mulher que se negava a retomar a um lugar de docilidade. As mulheres em questão apresentavam de início a idealização do relacionamento romântico, realizaram ações em nome do amor – seja o abandono de uma carreira para permanecer em um relacionamento, seja se dedicar completamente às atividades do lar. A docilidade feminina pregada como a vocação da mulher não impediu que houvesse interpretação da mulher como posse de um homem.

A ação de violência voltada às mulheres que são compatíveis com o perfil de mulher pautado por Bastos faz com que haja o questionamento sobre a validade de retomar um lugar do qual muitas vítimas não saíram vivas, por mais belas, dóceis e femininas que fossem. A violência sofrida não aparenta ser uma resposta do homem à competitividade feminina, mas à ausência de inteligência emocional masculina para reconhecer limitações e ver no outro alguém que merece respeito.

### **3.2 O fenômeno das esposas “tradicionais”**

A assimilação do feminismo como exortação ao mercado de trabalho e consequente diminuição de tempo para si mesma e para demais afazeres é um dos aspectos apresentados por um movimento social: as esposas tradicionais.

Em que pese o feminismo prezar pela autodeterminação da mulher, as esposas tradicionais o interpretam como a retirada do direito da mulher ser submissa, cuidar da casa e do marido como se vivenciasse os anos 50. A estética do grupo – seja pela comunicação, pelos ofícios e pela vestimenta – remete a um espírito vintage no qual se preza a mulher mais pelos atributos domésticos que por sua individualidade – sendo essa interpretada como egoísmo.

Cabe exemplo de estética as evidências apresentadas nas imagens a seguir.

Figura 10 - Reprodução de conteúdo do Instagram da The Darling Academy



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/B7vODBKnuVm/>>. Acesso em: 26 out. 2020.

Vale ressaltar que a mesma estética é adotada no Culto das Princesas, conforme evidência a seguir.

Figura 11- Reprodução de conteúdo do Instagram da pastora brasileira Sarah Sheeva



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CGsLzXNHvu/>> Acesso em: 16 nov. 2020.

O movimento de esposas tradicionais encontra espaço em grupos de direita ao se pautar em dogmas de cunho tradicional e que satisfazem o patriarcado. Em um artigo do jornal *The New York Times* é citado o exemplo de uma usuária de nome Ayla, identificada como *@apurposefulwife*, que havia incitado o “Desafio do bebê branco”, no qual é dito que não se restaura a nação com os bebês de outros. Ayla diz que já tem seis bebês, ao que desafia que tenham o mesmo número ou mais.



Figura 12 - Reprodução de conteúdo do Twitter de @apurposefulwife.



Fonte: Encyclopedia Virginia. Disponível em:  
<https://evblog.virginiahumanities.org/2017/03/the-politics-of-sex-or-some-things-havent-changed/>. Acesso em: 26 out. 2020.

De acordo com supremacistas brancos, ocorre um “genocídio branco” dada a disparidade da taxa de natalidade se observar a questão de raça. A linha de raciocínio dada é de que mulheres brancas encontrarão dificuldades para constituírem famílias, enquanto mulheres negras que não atenderiam universidades já não teriam empecilho para a maternidade, o que com o passar dos anos resultaria em uma sociedade composta majoritariamente por negros. Observar a reprodução de um discurso de cem anos atrás na contemporaneidade é calamitoso, contudo, a narrativa encontra campo fértil em uma sociedade que venera a meritocracia, incita ao homem o conceito de direito a posses – e mulheres – e amargura avanços sociais que prezam por Direitos Humanos.

A busca pela domesticação da mulher não se limita ao limiar ideológico esquerda x direita, como é reproduzida no cunho religioso. O controverso ofício de *coach* – inicialmente profissionais dedicados à orientação voltada ao desenvolvimento profissional – abarcou também a vivência da fé. A submissão feminina é alvo de *coaches*

de feminilidade que convidam a “ressignificar” a feminilidade mediante a adoção de ações que enfatizam a mulher como dona do lar, mãe e esposa, bem como há *coachs* de masculinidade que buscam a consolidação do homem como provedor.

Contudo, vale ressaltar um aspecto apontado por Federici: o não reconhecimento do trabalho doméstico é uma barreira para a consciência sobre a sujeição da mulher no capitalismo, bem como impede que haja pleno reconhecimento por feministas que se pautem na emancipação como pertinente à saída do ambiente doméstico.

### 3.3 O feminismo como subversão

A interpretação do feminismo como um elemento a ser combatido ganha amparo religioso. Alice Von Hildebrand (2014), doutora em Filosofia e teóloga católica, trabalha ser mulher como um privilégio. No entendimento de Alice von Hildebrand, o feminismo não vê ser mulher como algo bom, ao que reconhece a fala de ódio manifesta por homens ao longo do tempo, citando declarações no Antigo Testamento como a frase de São João Crisóstomo: “Dentre todas as bestas selvagens, não há nenhuma que seja mais nociva do que a mulher” (LUTERO, 1883, apud HILDEBRAND, 2014, p. 14), Kant com “a mulher é menos talentosa e moralmente inferior ao homem” (BUYTENDIJK, 1954, p. 70 apud HILDEBRAND, 2014, p. 14), Nietzsche com “Quando fores ter com uma mulher, não te esqueças do teu chicote” (NIETZSCHE, 1988, p. 71 apud HILDEBRAND, 2014, p. 14). Porém, para Hildebrand o erro do feminismo é não reconhecer o que ela considera “belíssimas declarações”.

As feministas, contudo, têm se esquivado diligentemente de mencionar as belíssimas declarações que homens fizeram ao longo da história, tais como ‘ela [a boa esposa] é muito mais preciosa do que as joias’ ou ‘não te prives de uma esposa boa e sábia, pois seu encanto vale mais do que o ouro’ (HILDEBRAND, 2014, p. 15).

Nota-se que por elogios não há algo que remeta à mulher em sua totalidade. Ela é preciosa na medida em que se constitui como esposa – portanto, novamente há a valorização do feminino quando este é relacionado a servir o masculino. Conforme Alice

von Hildebrand dá sequência ao seu trabalho na obra “O privilégio de ser mulher”, apresenta questionamentos como

[Mas] será que a resposta feminista a essas desigualdades e injustiças é uma solução que beneficiará a Igreja, a sociedade como um todo, o casamento, a família, ou mesmo as próprias mulheres? Ora, ao desejarem se tornar como os homens, as feministas inconscientemente admitem a superioridade do sexo masculino (HILDEBRAND, 2014, p. 19).

As feministas não admitem inconscientemente a superioridade do sexo masculino, mas pontuam conscientemente o tratamento superior que um homem possui quando em comparação a uma mulher. Ter direito ao exercício da cidadania, ser livre para realizar escolhas profissionais sem ter a competência questionada, ter acolhimento da Justiça sem sofrer com julgamentos sobre sua conduta como mulher. É possível também observar o questionamento apresentado por Hildebrand, ao indagar sobre o feminismo ser algo que vá beneficiar Igreja, sociedade, casamento, família: a figura da própria mulher é elencada somente por último.

Não há necessidade de feminismo beneficiar a Igreja, uma entidade beneficiada socialmente com isenção de impostos e historicamente detentora de poder na sociedade. Quanto à sociedade, casamento e família, ter um indivíduo com autonomia e direitos não é um malefício social, bem como tanto casamento quanto família são instituições que deveriam compreender o outro como um indivíduo que merece respeito. Não é concebível a manutenção de uma sociedade na qual não se preze o bem estar e saúde mental do indivíduo devido a seu sexo.

Ainda na elaboração de que as ofensas às mulheres foram pontuais, Hildebrand afirma que “precisamos ter em mente que os culpados sempre foram alguns homens em particular” (HILDEBRAND, 2014, p. 31) e que “a Igreja Católica, que elevou as mulheres a uma dignidade extraordinária, é e sempre foi um bode expiatório muito conveniente para seus detratores” (HILDEBRAND, 2014, p. 31). Cabe a reflexão sobre a Inquisição, período no qual a Igreja Católica realizou uma série de assassinatos com a fundamentação de combater bruxaria e heresia. Não é possível compreender dignidade extraordinária nas ações reservada às mulheres que tivessem conhecimento em botânica, por exemplo, e fossem convidadas a admitir ter relações sexuais com Satã.



Tampouco facilita crer na elevação de dignidade quando se observa o apreço pela tortura de seres a ponto de se criar instrumentos para desmembrar, afogar, enforcar, queimar. Conforme Federici (2017) apresenta na obra “O Calibã e a Bruxa”,

Se considerarmos o contexto histórico no qual se produziu a caça às bruxas, o gênero e a classe das acusadas, bem como os efeitos da perseguição, podemos concluir que a caça às bruxas na Europa foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra a difusão das relações capitalistas e contra o poder que obtiveram em virtude de sua sexualidade, de seu controle sobre a reprodução e de sua capacidade de cura. (FEDERICI, 2017, p. 305).

A busca por controle do corpo e do serviço da mulher desempenhada pela religião faz com que o questionamento do papel definido à mulher seja interpretado como um ataque à fé, ao que temos por exemplo a frase “É inevitável não notar a aversão do movimento feminista à fé cristã” (CAMPAGNOLO, 2019, p. 297), de Ana Caroline Campagnolo em sua obra “Feminismo: perversão e subversão”. Campagnolo é historiadora e atualmente deputada estadual por Santa Catarina, filiada ao Partido Social Liberal. Na introdução de seu livro, Campagnolo já elenca seu posicionamento

(...)quero convencer o meu leitor de uma verdade apenas: o feminismo é um movimento político que contribui para o desentendimento e a crescente amargura entre os sexos, acelera a desagregação familiar, induz à eterna insatisfação e à libertinagem sexual, valendo-se para isso de discursos sofistas, pesquisas fajutas e manchetes tendenciosas(...) (CAMPAGNOLO, 2019, p. 33).

Embora ela diga compreender o tripé igualdade salarial, direitos civis e combate à violência, Campagnolo entende ser demandada pelo feminismo uma renúncia moral. Desta forma se sentiu excluída e ridicularizada por ser uma jovem então em um relacionamento casto, pois em sua compreensão o feminismo demanda adesão à Revolução Sexual.

Há o retorno pelo convite ao pensamento promovido por Camille Paglia sobre a não alienação de mulheres como desertoras do feminismo ao se manifestarem favoráveis a um determinado estilo de vida. O acolhimento é um dos fatores necessários para que mulheres compreendam que decisões devem caber a elas, de maneira que tanto esposas tradicionais quanto empreendedoras sejam reconhecidas pela sua

essência, e não por desempenharem ou não um papel econômico e social que agrade preceitos alheios, tampouco sejam consideradas cidadãs de segunda classe.

Somente com o diálogo é possível a assimilação de ruídos na comunicação que fomentam interpretações equivocadas dos estudos de gênero, a exemplo da obra de Campagnolo. Em que pese este ser vendido como “kit antifeminista”, em conjunto a outras três obras, a fundamentação de Campagnolo enquanto se inicia em sua vivência acadêmica de não aceitação dado seus preceitos morais e religiosos, permanece na ótica religiosa e moral de modo que muito poderia ser interpretado como ressentimento, não como construção de ciência.

Figura 13- Reprodução de conteúdo do Instagram de Campagnolo



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CH3l94bpKGc/>. Acesso em 23 nov. 2020.

Entretanto, por mais que se elabore críticas com base em interpretações equivocadas, estas encontram solo fértil na mente de pessoas que desejam não a

compreensão do que seria o feminismo, mas a fundamentação mais formal que dê sustentação ao discurso de ódio às lutas de cunho feminista, a exemplo da legalização do aborto, igualdade de gênero e demandas transversais sobre moradia, saúde e trabalho. São elementos passionais que acabam por polarizar um campo de estudo e ocasionam ações de violência como o cerceamento de direitos para a criança de 10 anos, estuprada pelo tio, que foi constrangida por fanáticos ao se valer do direito ao aborto<sup>20</sup>.

Com o crescimento de entidades como a “bancada evangélica” no Congresso Nacional, o desejo por implementar um fundamentalismo religioso pelos conservadores se transforma de palavras de ódio destiladas na internet em gritos na frente de hospitais e leis pelas mãos de parlamentares. Crises econômicas são interpretadas como oportunidades para alçar lideranças autoritárias e como desculpas para se alterarem leis trabalhistas e ambientais. Elabora-se a figura de poder a ser reverenciada, na qual o cidadão médio consegue se relacionar mediante elementos caricatos como uma caneta bic. Consolida-se uma frase de efeito e então temos uma situação na qual um país já não é mais de todos, mas submetido a um deus em específico.

---

<sup>20</sup> RIBEIRO, Janaína. Por que uma criança de 10 anos teve aborto autorizado mas acesso dificultado? **EXAME**. 16 ago. 2020. Disponível em <<https://exame.com/brasil/por-que-crianca-de-10-anos-teve-aborto-autorizado-mas-acesso-dificultado/>>. Acesso em 17 nov. 2020.

## **Considerações finais: Levanta a cabeça, princesa**

Ao se avaliarem os discursos apresentados para ressignificações do feminino, é possível notar consonância na interpretação do feminismo como uma ideologia negativa à mulher, o que ocasiona alinhamento à direita por grupos religiosos. Há por concepção da mulher feminista uma mulher envolta em ódio aos homens, sem vaidade, que realiza aborto como um passatempo enquanto deseja a superioridade ao invés da igualdade. Tal cenário resulta na rejeição do termo “feminista”, o que mina debates sobre pautas que assim sejam caracterizadas.

A demanda por um feminino regido por preceitos religiosos também promove o silenciamento sobre pautas pertinentes ao bem estar feminino. O questionamento sobre carga mental é confrontado com a premissa da mulher como senhora do lar enquanto o homem é provedor, aspectos negativos da maternidade silenciados pela concepção de ser mãe como missão terrena da mulher que não seja comprometida com votos de castidade para uma vida religiosa. Pautas abordadas pelo feminismo são interpretadas como ofensivas ao que seria o feminino, a exemplo do aborto seguro e legal para a mulher que não desejasse levar uma gestação a termo.

Não deveria ser impossível para um ser humano exercer direito sobre si, prezar seu bem estar e desempenhar ações que buscam sua realização como indivíduo. A ameaça do feminismo não é sobre um ordenamento desregrado, mas sobre a possibilidade de que mulheres decidam por própria vontade não desempenhar atividades que se julgam necessárias para a manutenção da sociedade – parir para prover força de trabalho, ofertar trabalho não remunerado, pautar seu sucesso na conquista de um parceiro, consumir uma série de itens para buscar uma aparência que seja aceita pelo padrão de beleza – medicamentos, dietas, cosméticos, roupas, dentre outros.

Teologicamente se verifica o receio de que o feminismo vá tirar das mulheres a maternidade, quando a abordagem é sobre a autodeterminação da mulher. Todo receio pela liberdade sexual não vem de proteger o sagrado feminino, mas o medo de perder o controle sobre as ações da mulher. Não se verifica o mesmo empenho em determinar aos homens que honrem a instituição casamento, ao passo que a literatura para conduzir a mulher a ser uma esposa e mãe exemplar é farta. Meninas são forjadas para serem

agradáveis, enquanto meninos possuem suas travessuras justificadas com base em seu sexo – “meninos são meninos”, afinal.

A cultura dada como “correta” para ser mulher é gostar de rosa, desejar ser princesa, esperar um príncipe encantado, esmerar-se por uma perfeição que não é humana. Em resposta, há cobrança para que a mulher compreenda as falhas do homem. Entende-se a mulher como a responsável pelos cuidados básicos de seu parceiro, tais como vestimenta, calçado, como se com o relacionamento o cuidado da maternagem passasse da mãe para a companheira.

O medo que o neoliberalismo possui do feminismo é por haver na emancipação da mulher o questionamento de papéis de gênero, o que muda a estrutura social que permite o foco do homem em trabalho. Os questionamentos sobre divisão de tarefas e uma busca por qualidade de vida resulta em pessoas que compreendem que não há sentido no exercício de um ofício que tira a disponibilidade para ter uma vida saudável, que contemple uma dinâmica distinta de acordar, trabalhar e dormir.

Há por prática de neoconservadores uma retórica equivocada ao sinalizar o feminismo como um instrumento de guerra contra os homens, enquanto questiona uma desigualdade ao apontar estatísticas nas quais se observa a longevidade feminina. Não há uma reflexão sobre a violência praticada por homens contra homens, o questionamento sobre a masculinidade tóxica que faz com que os homens busquem armas como uma extensão de sua virilidade, tampouco se questiona o sucesso sinalizado socialmente do ato de consumo. A desigualdade também não é apontada ao se tratar da ascensão socioeconômica, pois o discurso de meritocracia e questionamentos sobre cotas étnico-raciais visa diminuir a percepção sobre o abismo social que impele um jovem a não concluir os estudos pela necessidade de sustentar a família enquanto indivíduos de mesma idade e situação diferente podem elaborar o currículo com a experiência demandada pelo mercado.

Um real apreço sobre proteção à família abordaria o projeto de renda básica, garantia de dignidade da família e redução de desigualdades. Outra abordagem para proteger a família consistiria em assegurar ao sistema único de saúde ferramentas de conformidade e demais instrumentos para garantir o uso de recursos de forma correta,

com metas de promover qualificação profissional, disponibilidade de leitos, diminuição do tempo de espera por procedimentos, dentre outros problemas.

Famílias não são destruídas pelo divórcio – temos Flordelis como exemplo. Famílias são destruídas por vícios, violência, enfermidades, incompatibilidade de valores. Cantar “que nenhuma família se abrigue debaixo da ponte” na missa soa mais afinado quando há defesa pela moradia popular. O discurso neoliberal encontra incentivadores na Teologia da Prosperidade permeada pelo questionamento da fé, que demanda dízimo enquanto oferece discurso de meritocracia.

A maternidade não é vilipendiada por feministas, mas sim pelo indivíduo que não compreende o período de exergogestação e acha um desperdício contratar mulheres devido à Licença Maternidade. A maternidade também é minada pela sociedade que silencia assuntos como depressão pós parto, perda gestacional e demais pautas que fujam do lugar comum de “padecer no paraíso”. Uma luta real pela família é construir uma cultura que conceba a licença paternidade para reconhecer o papel do homem no lar, demandar creches para assegurar às mulheres retorno ao trabalho, elaborar acompanhamento médico que não se alicerce em violência por tradição da prática, a exemplo da episiotomia.

Há uma necessidade de que a mulher retorne à esfera doméstica para que dê condições ao homem de desempenhar o papel de provedor, não somente pelo reconhecimento teológico deste papel, mas para condicioná-lo a situações de emprego que não serão questionadas dada a necessidade de sustentar uma família. Desta forma, vende-se uma ideia de feminino como solução às angústias que são causadas não pelo feminismo, o que encontra espaço dada a ausência de escuta ativa do feminismo para com as mulheres, como apontado pelo feminismo decolonial. Com o distanciamento do movimento do público a quem ele pauta, há espaço para ruído na comunicação que transmuta a mensagem de ser livre para uma especificação de liberdade que incomoda a mulher que não se vê representada ou não percebe suas necessidades contempladas. Ao ter a percepção negativa do movimento, bem como ao não haver um acolhimento para pensamentos divergentes do arquétipo da mulher emancipada, há incentivo para enfrentamento ideológico sem o real debate sobre as necessidades e desejos da mulher.

## Referências Bibliográficas

ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: L&PM Pocket, 1997.

AQUINO, Wilson. O culto dos príncipes. **IstoÉ**. 24. ago. 2012. Disponível em: <[https://istoe.com.br/232373\\_O+CULTO+DOS+PRINCIPES/](https://istoe.com.br/232373_O+CULTO+DOS+PRINCIPES/)>. Acesso em: 02 out. 2020.

ARRUDA, Mílibi, ORTEGA, Pepita, VASCONCELOS, Renato. 'Feminismo não pode ser lugar de mulheres com ódio de homem', diz Camille Paglia. **Capitu**. 18 abr. 2019. Disponível em: <<https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/feminismo-nao-pode-ser-lugar-de-mulheres-com-odio-de-homem-diz-camille-paglia>>. Acesso em: 12 out. 2020.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Celina Portocarrero. São Paulo: L&PM Pocket, 2010.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo – volume 2**: A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

**BÍBLIA SAGRADA**. Português. 205 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2014.

BUENO, Michele Escoura. **Girando entre Princesas**: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Universidade de São Paulo, São Paulo.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo**: perversão e subversão. 1. ed. Campinas: Vide Editorial, 2019.

CHAMAYOU, Grégoire. **A sociedade ingovernável**: uma genealogia do liberalismo autoritário. Tradução de Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. Tradução Sônia Coutinho. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

DONATH, Orna. **Mães arrependidas**: uma outra visão da maternidade. Tradução de Marina Vargas. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DUTTON, Isabella. The mother who says having these two children is the biggest regret of her life. **Daily Mail Online**, 03 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/femail/article-2303588/The-mother-says-having-children-biggest-regret-life.html>>. Acesso em: 12 out. 2020.

ESTADÃO CONTEÚDO. 'Separar não posso, porque ia escandalizar o nome de Deus', escreveu Flordelis. **IstoÉ**, 24 ago. 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/separar-nao-posso-porque-ia-escandalizar-o-nome-de-deus-escreveu-flordelis/>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

FALAVINA, Iraci. "Na minha própria casa": a história de mulheres que sofreram estupro conjugal. **Catarinas**, 07 abr. 2020. Disponível em: <<https://catarinas.info/na-minha-propria-casa-a-historia-de-mulheres-que-sofreram-estupro-conjugal/>>. Acesso em: 07 set. 2020.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução do Coletivo Sycorax. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2017.

\_\_\_\_\_. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução do Coletivo Sycorax. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

FILHO, Kleber. TETI, Marcela. A Cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Em: **Periódicos Eletrônicos de Psicologia**, Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782013000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004)>. Acesso em: 26 nov. 2020

FREITAS, Hyndara. Escola de Princesas ensina etiqueta, culinária e organização de casa a meninas de 4 anos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 12 out 2016. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento/escola-de-princesas-ensina-etiqueta-culinaria-e-organizacao-de-casa-a-meninas-de-4-a-15-anos,10000081544>>. Acesso em: 28 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Tradução de Carla Bitelli e Flávia Yacubian. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HILDEBRAND, Alice Von. **O privilégio de ser mulher**. Tradução de Luíza Monteiro C. S. Dutra. 1 ed. São Paulo. Ecclesiae, 2014.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 4 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.



LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sella. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACHADO, Ralph. Deputada eleita Flordelis pretende atuar em favor de comunidades do Rio de Janeiro. **Agência Câmara de Notícias**. Brasília, 2018. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/546179-deputada-eleita-flordelis-pretende-atuar-em-favor-de-comunidades-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 07 set. 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

MENA, Fernanda. Mulher deve ser maternal e parar de culpar o homem, diz Camille Paglia. **Folha de São Paulo**. 24 abr. 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1619320-nao-publicar-entrevista-camille-paglia-fronteiras-do-pensamento.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PETTITT, Alena Kate. Men are not toxic: a year of advocating traditional family values. **The Darling Academy**. 20 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.thedarlingacademy.com/articles/men-are-not-toxic-advocating-traditional-family-values-the-tradwife-movement/>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

POR que decidi ser uma esposa tradicional e estar submissa a meu marido, como nos casamentos dos anos 50. **BBC**, 01 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-51183651>>. Acesso em: 07 set. 2020.

SAINI, Angela. **Inferior é o car\*lhø**: eles sempre estiveram errados sobre nós. Tradução de Giovanna Louise Libralon. 1. ed. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2018.

SCHARFF, Christina. Por que tantas mulheres jovens não se identificam como 'feministas'. **BBC**. 19 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-47283014>>. Acesso em: 14 out. 2020.

SUAREZ, Liliana. **Descolonizando el Feminismo**: Teorías y prácticas desde los márgenes. Ediciones Cátedra, Madrid, 2008. p 24 – 67.

TEIXEIRA, Analba Brazão. **Nunca você sem mim**: homicidas-suicidas nas relações afetivo-conjugais. São Paulo: Annablume, 2009.

VILHENA, Valeria Cristina. **Uma igreja sem voz**: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental e gênero**: cultura e processos de subjetivação. 1 ed. Curitiba: Appris Editora, 2018.